

CÂNDIDO

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ

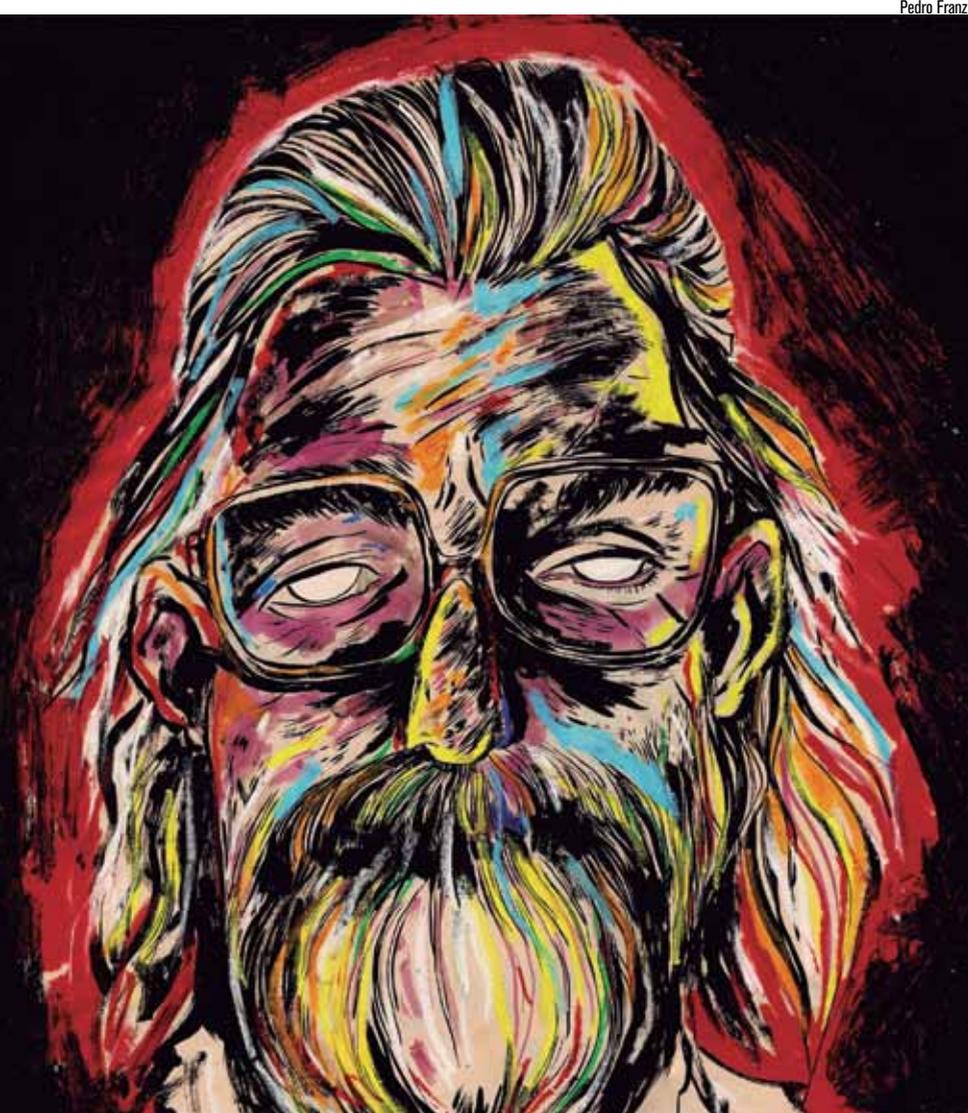
69

ABRIL 2017
www.candido.bpp.pr.gov.br

Vai, Carlos!

Trinta anos após a morte de Drummond,
o legado do poeta é cada vez mais estudado
e presente no imaginário nacional

Um Escritor na Biblioteca | Ruy Castro ▪ Ensaio | Luiz Roncari ▪ Prosa | Manoel Carlos Karam



Pedro Franz

Obra de Carlos Drummond de Andrade é, fazendo referência a um de seus poemas mais conhecidos, uma “pedra no caminho” na poesia brasileira. Quem deseja escrever poemas e mesmo apenas conhecer a literatura produzida no Brasil, deve — obrigatoriamente — passar pelo legado drummondiano. O professor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) Wilson Alves-Bezerra adverte: a obra de Drummond é um porto de passagem, uma espécie de aduana: “O que ele produziu é incontornável”.

O *Cândido* traz nesta edição um especial sobre a produção do mineiro nascido em 1902 em Itabira (MG)

e que morreu no dia 17 de agosto de 1987. Em 2017, são 30 anos sem o autor de textos poéticos como “Poema de sete faces”, “Infância”, “Lagoa”, “Política Literária”, “No meio do caminho”, “Quadrilha” e “Cota zero” — todos presentes em seu primeiro livro, *Alguma poesia*, publicado em 1930.

Uma ampla reportagem apresenta os principais momentos e características da obra do poeta que também se aventurou pela prosa e é considerado um cronista do primeiro time. Estudiosos, como o professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Antônio Marcos Vieira Sanseverino, o professor da Universidade Brasília

(UnB) Alexandre Pilati e o professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Ítalo Moriconi, analisam o legado e explicam o motivo de a obra de Drummond integrar o cânone literário.

O docente da Universidade de São Paulo (USP) Luiz Roncari comenta, em artigo inédito, por que os livros *A rosa do povo*, de 1945, e *Claro enigma*, de 1951, formam um par e representam o coração pulsante e possivelmente o ápice e a plena maturidade da poesia drummondiana. Para completar o especial, a equipe do *Cândido* indica seis livros de Drummond, opções para quem já conhece reler e para quem ainda não leu apreciar sem moderação.

O jornalista e biógrafo Ruy Castro foi o primeiro convidado de 2017 do projeto “Um Escritor na Biblioteca” e os melhores momentos do bate-papo foram transcritos e estão nesta edição — o evento marcou a inauguração do auditório da BPP, que em março completou 160 anos com obras de modernização consolidando a instituição como um espaço cultural de convivência.

Outro destaque do *Cândido 69* é uma reportagem, de Luis Izalberti, a respeito de *Mesmas coisas*, projeto que transpõe para os palcos, e até para performances a céu aberto, livro homônimo e póstumo de [imagem] Manoel Carlos Karam (1947-2007). O catariense que se radicou em Curitiba transitou pela dramaturgia, pelo jornalismo e pela ficção experimental, agora revisitada no teatro — linguagem pela qual ele sempre teve apreço.

Contos de Maurício de Almeida e Ronaldo Cagiano, um poema de Marcelo Ariel e fragmentos de *Mesmas coisas*, do Karam, além de imagens de Arnaldo Belotto na seção Cliques em Curitiba e o imaginário de Arnaldo Branco no Perfil do Leitor completam a edição.

Boa leitura!

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa
Secretário de Estado da Cultura: João Luiz Fiani
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Marta Sienna

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski

Redação: Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy

Estagiário: Luis Izalberti

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC:

Rita Solieri Brandt | coordenação

Raquel Dzierva | diagramação

Colaboradores desta edição:

André Ducci, Arnaldo Belotto, Luiz Roncari, Manoel Carlos Karam, Marcelo Ariel, Maurício de Almeida, Ronaldo Cagiano e Samuel Casal.

Redação:

imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

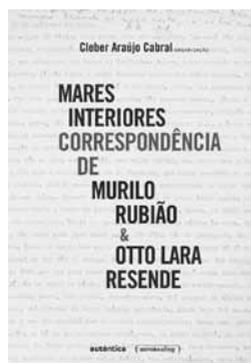
Cândido na internet:

candido.bpp.pr.gov.br

facebook.com/jornalcandido

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR.
Horário de funcionamento:
Segunda a sexta, das 8h30 às 20h.
Sábados, das 8h30 às 13h.

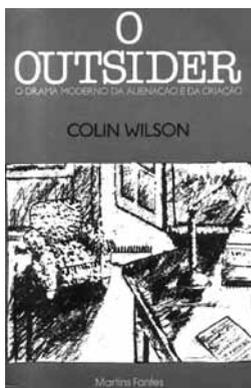
Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.



MARES INTERIORES

Murilo Rubião, Autêntica/Editora UFMG, 2016

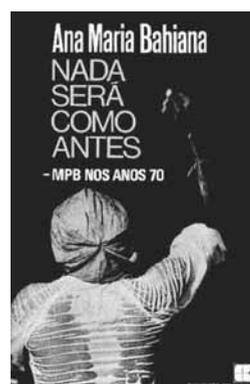
O título é uma referência ao que Murilo Rubião (1916-1991) e Otto Lara Resende (1922-1992) traziam dentro de si. Eles se corresponderam entre 1945 e 1991. Ou seja, foram 40 anos de conversa por escrito. E as marés que atormentavam internamente os dois se movimentam nas páginas desta obra organizada por Cleber Araújo Cabral. Comenta-se que alguns mineiros “puxam angústia” e é exatamente isso que o leitor vai encontrar. Rubião e Lara Resende foram movidos por curiosidade e dúvida, o que talvez explique o motivo de os dois terem se tornado autores de obras admiráveis.



O OUTSIDER: O DRAMA MODERNO DA ALIENAÇÃO E DA CRIAÇÃO

Colin Wilson, Martins Fontes, 1985

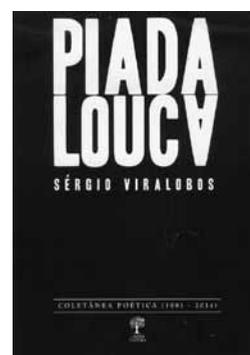
Autodidata, o britânico Colin Wilson (1931–2013) produziu uma obra vasta e densa, composta por mais de 130 livros de ensaios e ficção, boa parte deles com mais de 300 páginas. *O outsider* (1956), seu primeiro trabalho, é fruto de uma pesquisa sobre a vida “tumultuada” de alguns dos maiores nomes das artes — do pintor Van Gogh ao bailarino Nijinsky, do filósofo Jean-Paul Sartre ao poeta William Blake. Por meio de análises curtas, respaldadas por dados biográficos, Wilson mostra que todos eles sentiam um grande mal estar com relação à sociedade e tentaram seguir suas próprias regras para superar esse desconforto. Um livro ainda pouco conhecido do grande público, mas que vem sendo resgatado nos últimos anos como um *cult* contracultural.



NADA SERÁ COMO ANTES: MPB NOS ANOS 70

Ana Maria Bahiana, Civilização Brasileira, 1980

Mais conhecida por sua longa carreira como correspondente internacional em Hollywood, a jornalista carioca Ana Maria Bahiana também teve uma passagem relevante pela imprensa musical. Principalmente na década de 1970, quando foi secretária de redação da edição brasileira da revista *Rolling Stone* e colaborou com diversos jornais (tradicionais e alternativos). *Nada será como antes* é um apanhado de textos desse período, marcado no meio artístico pela censura imposta pelo regime militar militar. Entre os destaques, entrevistas em tom íntimo com medalhões da MPB e registros de cenas musicais que não saíram do *underground* (como a do *hard rock* / progressivo). Em 2006, o livro foi relançado em versão ampliada pela editora Senac RJ.



PIADA LOUCA

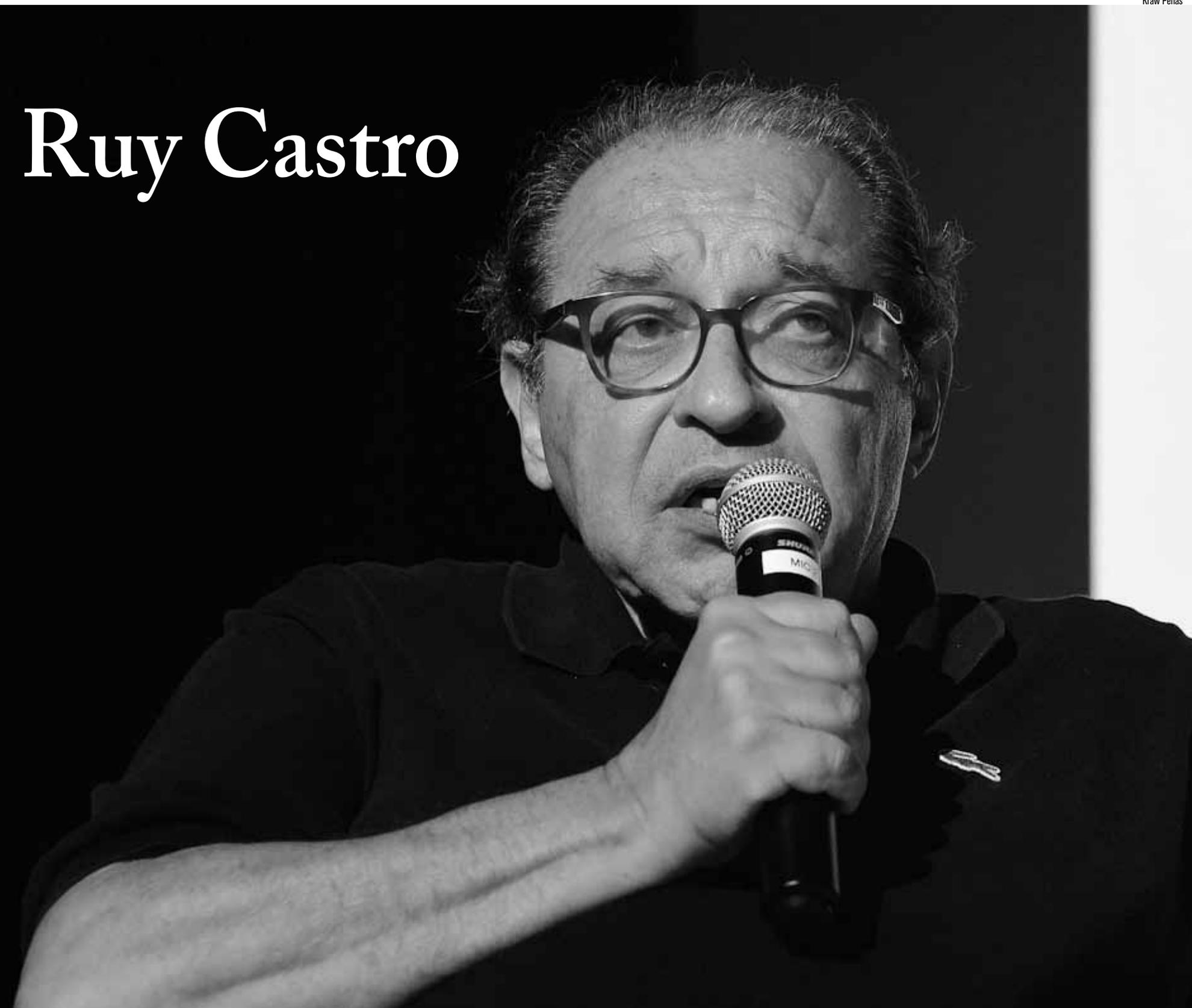
Sérgio Viralobos, Nossa Cultura, 2014

Essa antologia traz poemas escritos pelo paranaense Sérgio Viralobos ao longo de mais de três décadas (de 1981 a 2014). Com uma poesia calcada na oralidade dos centros urbanos, os textos da coletânea são permeados de referências à cultura pop, em especial à música (Viralobos é letrista de bandas do *rock* curitibano), como em “Loki”: “Me preparei todo para o sucesso / Do dedo do pé até o último fio de cabelo / Da pose de elvis até a queda do clash”. Outra marca da poesia do escritor é o tom cômico dos versos.

Para gostar de ler

A editora Olho de Vidro estreia publicando *A alma secreta dos passarinhos*, livro que une o texto de Paulo Venturelli com ilustrações de Elisabeth Rosa. Coordenado por Moacir Karas e Marcelo Del’Anhol (que atuou por 12 anos na Editora Positivo), o novo selo editorial aposta em títulos para os públicos infante e juvenil e também em obras para educadores. Ainda no primeiro semestre serão publicados *Rosa*, de Odilon Moraes, e *Temas polêmicos na literatura*, organizado pela escritora e pesquisadora Nilma Lacerda. Depois de julho, a Olho de Vidro disponibiliza nas livrarias uma coletânea de poemas da chilena Gabriela Mistral (Prêmio Nobel de Literatura em 1945) e uma edição ilustrada de *Se os tubarões fossem homens*, de Bertolt Brecht.

Ruy Castro



DA REDAÇÃO

Além de ser um dos maiores biógrafos do país, Ruy Castro também é um aficionado por livros. No dia em que a Biblioteca Pública do Paraná completou 160 anos (7 de março), o escritor contou, entre outras coisas, como formou — ao longo de seis décadas — seu próprio acervo, hoje com mais de 25 mil títulos.

Castro abriu a temporada 2017 do projeto Um Escritor na Biblioteca e foi o primeiro autor a falar no novo auditório Paul Garfunkel, totalmente reformado, assim como outros ambientes da Biblioteca. No bate-papo mediado pelo jornalista Omar Godoy, ressaltou que, acima de qualquer atividade, é um leitor: “Deixaria de ser escritor tranquilamente para ser apenas leitor, se pudesse”. O primeiro livro de sua longa trajetória de leitor foi *Alice no país das maravilhas*, presente que recebeu aos 5 anos. Mas não havia livros na casa onde nasceu. Os seus pais, no entanto, eram compulsivos leitores de jornais e revistas — hábito que ele levou adiante por toda a vida.

O depoimento de Ruy Castro foi repleto de frases inspiradas, misturando informação com senso de humor — o que também acontece em sua crônica veiculada quatro vezes por semana na *Folha de S. Paulo* ou nas biografias que publicou, entre as quais *O anjo pornográfico* (1992), sobre a trajetória de Nelson Rodrigues, e *Estrela solitária* (1995), a respeito do percurso de Garrincha. Ao falar sobre a complexidade que é fazer uma mudança para quem acumula 25 mil livros, disparou: “É difícil transportar uma estante. Então eu andei fazendo isso no decorrer da vida, plantando estantes em todas as casas e apartamentos que morei”.

Castro se definiu como um sujeito que veio ao mundo para impedir que as palavras morram. “Tento ser o mais claro, o mais objetivo, o mais simples possível ao escrever, mas às vezes me dou o luxo de colocar uma expressão de 1920, de propósito. Só para receber um comentário azedo do leitor: ‘Pô, esse cara precisa se reciclar, nem o meu avô usa mais essa palavra’. Mas eu faço de propósito mesmo.”

O mineiro de Caratinga radicado no Rio de Janeiro também comentou sobre as suas temporadas em redações de jornal e como foi pesquisar e escrever alguns de seus livros, entre os quais *Chega de saudade: a história e as histórias da Bossa Nova* (1990).

Grande leitor

Certa vez me perguntaram: “Ruy, você faz livros e trabalhou a vida inteira como jornalista, sente-se mais jornalista ou escritor?”. Respondi que as duas coisas, dependendo do instrumento que eu estou tocando no momento. Mas trocaria essas duas atividades por uma outra, muito mais importante para mim, que é ser leitor. Eu deixaria de ser escritor tranquilamente para ser apenas leitor, se pudesse. Hoje mesmo dei um pulo num sebo aqui em Curitiba, o Fígaro, e o Paulo, dono do local, pediu que eu autografasse um livro para a loja. Escrevi o seguinte: “Quando morrer, não quero ir pro céu, quero vir pro Fígaro”. E é verdade, após a morte, eu iria para um sebo, para uma biblioteca ou para qualquer lugar que tivesse livros, jornais ou até mesmo bula de remédio para ler.

Primeiros livros

O primeiro livro que ganhei na vida e li foi *Alice no país das maravilhas*, uma edição da Companhia Editora Nacional, com tradução assinada pelo Monteiro Lobato. Ganhei esse livro no dia do meu aniversário de 5 anos. Já sabia ler, tinha aprendido com a minha mãe, lendo jornais. Por acaso, lendo a coluna do Nelson Rodrigues, “A vida como ela é”. Então aos 5 anos eu era capaz de ganhar um livro de presente, ler esse livro e gostar tanto que, dali uma semana ou duas, pedi ao meu pai para comprar um outro título. Ele me levou numa livraria e comprei *Tarzan, o filho das selvas*, uma edição linda, também da Companhia Editora Nacional, que era uma editora muito popular na época. Isso foi exatamente há 64 anos. Desde então eu não evolui nada, continuo lendo, acumulando e me cercando de livros.

Plantador de estantes

Já morei em muitas cidades, em muitos apartamentos e muitas casas. Sempre

que mudo para um lugar novo, as estantes da casa anterior não se encaixam, porque uma estante é feita, geralmente, para um lugar específico. É difícil transportar uma estante. Então eu andei fazendo isso no decorrer da vida, plantando estantes em todas as casas e apartamentos que morei. Agora, como eu estou batendo todos os meus recordes, morando no mesmo lugar há 25 anos, e de onde espero sair só para o [cemitério] São João Batista, tenho mais possibilidade de me organizar em termos de possuidor de livros.

Biblioteca sobre o Rio

Posso dizer, não sei se com orgulho ou com vergonha, que no meu apartamento tenho 11 estantes, algumas delas maiores do que essa tela [do auditório]. Só de livros sobre o Rio de Janeiro,

tenho 5 mil, de vários séculos. Tenho muito livro sobre cinema, sobre música popular, de muitos países e épocas, muitos livros de referência, dicionário de baianês, de filosofia, etc. Tenho dicionários lindos, do século XIX, contendo palavras que não se usam mais, dicionários de francês com expressões que nem na França mais se usam. Tenho muita pena de me desfazer desse tipo de livro. Afinal, por que vou me desfazer? Parece um crime me livrar de um livro porque ele contém palavras que não se usam mais.

As palavras não morrem

Às vezes eu até acredito que vim ao mundo para impedir que as palavras morram. Faço quatro vezes por semana uma coluna na página 2 da *Folha de S. Paulo*, em que tento ser o mais claro,

o mais objetivo, o mais simples possível ao escrever, mas às vezes me dou o luxo de colocar uma expressão de 1920, de propósito. Só para receber um comentário azedo do leitor: “Pô, esse cara precisa se reciclar, nem o meu avô usa mais essa palavra”. Mas eu faço de propósito mesmo. A gente deve lutar para que as palavras não morram.

Família

Na casa dos meus pais não tinha um livro sequer. Zero. Talvez tivesse *A nossa vida sexual*, do doutor Fritz Kahn, que era um livro muito conhecido na época. Mas não havia livros mesmo. Meu pai e minha mãe simplesmente não tinham interesse em livros. Porém, eram ávidos leitores de jornais e revistas. Assinavam diariamente o jornal do Assis Chateaubriand e o *Correio*



da Manhã. E esses dois jornais chegavam pelo correio todo dia. Eles também compravam na banca a *Última hora*, do Samuel Wainer, até porque a minha mãe gostava de ler o Nelson Rodrigues. Meu pai, que era torcedor do Carlos Lacerda, comprava a *Tribuna da Imprensa*. Então eram quatro jornais todos os dias. Nos fins de semana, compravam outros impressos, como o *Jornal do Brasil* e a revista *O Cruzeiro*. Uma quantidade enorme de jornais e revistas entrava diariamente em casa, era uma montanha de papel. E eles não jogavam nada fora. Os jornais eram lidos e estocados, empilhados nos quartos dos fundos. Não sei porque faziam isso, nunca cheguei a conversar sobre esse assunto com eles. Mas era como se fosse assim: “aqui não se joga palavra fora”.

Leitor de jornais

Um dia eu aprendi a ler e descobri, maravilhado, no quarto dos fundos, aquelas pilhas de jornais e revistas. Comecei a ler jornais anteriores a minha data de nascimento. Nasci em 1948 e estava lendo jornais de 1945, 1946, 1947. Mas para mim era como se eu estivesse lendo o jornal do dia. E, de repente, descobri que essa história de não jogar jornal e revista fora era coisa de família. Um primo meu, que morava na Lapa, também tinha montanhas de *Correio da Manhã* empilhados, com aquele cheiro de mofo e poeira. Ele morava na Lapa, que só tinha prédio velho. E a minha tia, mãe desse meu primo, era asmática em último grau. Ou seja, em vez de usar aquela bombinha que as pessoas compram na farmácia, ela usava uma bomba de barbeiro para conseguir respirar. Naturalmente essa mania de não jogar jornal fora se transferiu para mim também. Deixo os jornais se acumularem uma semana. Aí, na hora do futebol, do jogo do Flamengo, pego a pilha e boto na mesa em frente à televisão. Como não suporto ver o Flamengo

ser atacado, fico olhando para o jornal, vendo o que me interessa. Quando a bola está com o Flamengo, olho o jogo, mas aí o outro time recupera a bola e eu volto a ver os jornais. Recorto o que me interessa e jogo fora o resto.

Biblioteca Nacional

Durante alguns anos, uns 20 e tantos, tive um casamento maravilhoso com a Biblioteca Nacional do Rio. Alguns dos meus livros, como as biografias do Nelson Rodrigues e do Garincha, foram feitos com a ajuda da Biblioteca Nacional. Eu passava meses e meses lendo coleções inteiras no microfilme. Algumas coleções não estavam microfilmadas e os exemplares só podiam ser manuseados por funcionários da biblioteca. Tive a honra de ter a possibilidade de acesso a esses exemplares. O funcionário da biblioteca trazia aquela encadernação maravilhosa em um carrinho e manuseava aquelas páginas. Ficava muito preocupado, porque, por exemplo, a coleção da *Última Hora* não estava ainda microfilmada. E isso com um jornal dos anos 1950 do século XX. Imagina só os impressos do século XIX ou XVII. Eu me sentia, na presença daquele objeto, como se estivesse em frente a um papiro egípcio. Tinha um respeito enorme por aquilo. Torcia para que microfilmassem tudo logo, para o conteúdo ser eternizado. Hoje eu vejo com enorme satisfação que praticamente toda a BN está digitalizada, com a possibilidade de acesso pela internet. Ou seja: esses exemplares estão salvos.

Convicção no jornalismo

A descoberta do jornal, e do seu funcionamento, foi uma coisa que sempre me fascinou. A primeira página de um jornal é um mosaico, o mundo inteiro está ali. Antigamente a paginação era muito mais desorganizada do que hoje. Os jornais hoje são paginados — a primeira página, principalmente — de

uma maneira coerente. Mas nos anos 1960 era muito confuso, era um mosaico mesmo. Eu achava aquilo fascinante e desde o começo me interessei pelo jornal. Naquela época havia muitos filmes, principalmente americanos, que se passavam dentro de jornais, mostravam as redações. Então não era preciso eu ir em um jornal para saber como era a redação. Eu já tinha visto no cinema. Isso sempre me fascinou e de cara decidi que queria ser jornalista. Nunca pensei em outra coisa.

Correio da Manhã

Com o tempo decidi que queria ser jornalista do *Correio da Manhã*, que era o principal jornal do país naquela época. Um jornal fundado em 1901, com uma tradição liberal enorme e de grande importância na história da República. Um veículo que derrubou ministro, derrubou presidente, foi mantido proibido pelo Artur Bernardes durante anos, na década de 1920. E lá escreviam as pessoas que eu admirava, como o [Otto Maria] Carpeaux, o [Carlos Heitor] Cony e tantos outros. Então eu decidi que seria jornalista do *Correio da Manhã* e assim aconteceu. Em 1965, com 17 anos, escrevi uma carta para um jornalista do *Correio* dizendo que o admirava, me identificava com o que ele escrevia. Ele me respondeu, simpaticamente. Telefonei para o jornal, pedi para chamá-lo, ele veio ao telefone, falou comigo, me convidou para visitar a redação. Esse jornalista era José Lino Grunewald. A partir daí eu comecei a frequentar o *Correio*, inclusive cometendo a heresia de ser recebido pelo José Lino. Ele era editorialista e os repórteres eram proibidos de entrar na sala dos editorialistas. Eu chegava lá, batia à porta e conversávamos na sala dos editorialistas do *Correio da Manhã*. Além do José Lino, trabalhavam lá Franklin de Oliveira, Edmundo Moniz, Paulo de Castro, Nilton Rodrigues, Paulo Francis.

Ou seja, só tinham os cobras lá dentro e eu ali, na maior naturalidade. Até que, em janeiro ou fevereiro de 1967, há exatamente 50 anos, o José Lino telefonou e me perguntou: “Você quer ser repórter do *Correio da Manhã*?”. Eu falei, “Quer, claro”. Foi assim que aconteceu.

Outros tempos

Naquela época tinha uma coisa espetacular que depois se perdeu. Você está na redação, é um repórter, quase um foca, e ao seu lado está um homem 30 anos mais velho, uma pessoa que você passou a vida inteira lendo e admirando. No meu caso, esse cara do meu lado era o Muniz Vianna, o maior crítico de cinema que o Brasil já teve, um homem que ensinou gerações inteiras sobre cinema. Na época ele fazia uma coluna diária de meia página sobre um filme. Então os jornalistas mais velhos iam aos jornais todo dia. O Franklin de Oliveira, por exemplo, era uma das grandes cabeças intelectuais do Brasil, lia em alemão, enfim, essas coisas impressionavam muito naquela época. Era amigo íntimo do Guimarães Rosa, um intelectual de alto peso. Foi quem inclusive criou a expressão “memória nacional”, em seu famoso livro *Morte da memória nacional*. O Franklin passava pela minha mesa e sempre me cumprimentava. Eu já era fã dele e nós conversávamos. Ou seja, você tinha essa convivência com os grandes nomes, porque os grandes nomes não se sentiam grandes nomes. Essa é a diferença. Eles conversavam com os focas, davam a maior confiança. Sempre me senti extremamente acolhido por eles, nunca fui esnobado. Praticamente com todos esses jornalistas a minha relação começou quando eles me dirigiram a palavra. O Paulo Francis, por exemplo. Lembro que estava sentado na minha mesinha do *Correio da Manhã*, isso deve ter sido em julho ou agosto de 1967, quando eu



vejo aquele cara parado do meu lado. Ele então pergunta: “Você que é o Ruy Castro?”. “Sou”, respondi. “Eu sou Paulo Francis”, ele disse. “Gostei muito do que você escreveu hoje no segundo caderno” (risos). Assim se deram as primeiras frases trocadas com o Paulo Francis.

Geração

Não sei realmente se a minha geração era blasé ou o quê, se éramos muito convencidos ou metidos a besta, mas não havia uma relação de subserviência entre nós e eles. Ou eles eram extremamente abertos e cordiais ou não se levavam tão a sério a ponto de nos darem tanta confiança. Lembro que poucos meses depois, em março de 1968, estava entrevistando o Tom Jobim, lá numa mesa do bar Veloso, hoje Garota de Ipanema. O Tom tinha chegado há poucos meses dos Estados Unidos, onde tinha gravado um disco com o Frank Sinatra. Em 1968 o Tom já era o Tom, já estava cansado de ser o Tom Jobim. E eu tô ali com 20 anos de idade recém-feitos, o Tom com 41 recém-completados. Então o Tom começou a me falar: “Meu pai foi embora de casa, quando eu era muito garoto. Não o conheci muito bem, mas esses dias eu tive um sonho com ele. Aliás, não foi sonho. Ele estava no quarto. Meu pai morreu eu tinha 6 ou 7 anos. Mas ele apareceu para mim agora, semana passada, no pé da minha cama, e falou para mim assim: ‘Ô, Antônio Carlos, deixa de ser preguiçoso, para de pescar e vai trabalhar’”. Estou ouvindo aquilo e penso: “Poxa, eu aqui conversando com o Antônio Carlos Jobim, que acabou de gravar um disco com Frank Sinatra”. Naquela época, se você batesse no liquidificador os Beatles e os Rolling Stones, dava meio copo de Frank Sinatra. E eu estava conversando com um cara que tinha acabado de gravar um disco com o Frank Sinatra, sendo

ele próprio Antônio Carlos Jobim e eu, com menos de um ano de profissão, aos 20 anos de idade, achando naturalíssimo estar ali. Pensava comigo que ninguém estava me fazendo um favor. Eu tinha o direito de estar ali. E ainda tinha o direito de contar que Tom Jobim acabava de me dizer que conversa com os mortos.

Tom

Em janeiro ou fevereiro de 1988, fui entrevistar o Tom Jobim para a *Playboy*. Na verdade eu fui complementar uma entrevista que alguém já tinha feito com ele em Nova York, mas o jornalista não teve a coragem de fazer as perguntas que a *Playboy* gostava que se fizesse, ou seja, sobre a vida sexual do personagem. Como em todas as outras entrevistas que fiz para a *Playboy*, me preparei brutalmente para conversar com o Tom. Passei dias, semanas, lendo sobre o Tom. Fiz uma pauta com 200, 300 perguntas. E já fiz essas perguntas numa ordem que, praticamente, o leitor encontraria na entrevista. Era quase uma edição da entrevista na pauta. E a maneira de você fazer isso é começar com perguntas que o entrevistado vai gostar de responder. Boas perguntas, agradáveis, simpáticas, em que ele possa brilhar. E aí, quando ele já está bastante relaxado, pela 20ª ou 30ª pergunta, você entra com os assuntos que realmente interessam. Fiz isso com o Tom, gravei uma quantidade absurda de perguntas sobre a Bossa Nova, que eu sabia que não seriam usadas na edição final da *Playboy*. Fiquei com um material enorme.

Chega de saudade

Liguei para o Luiz Schwarcz, da Companhia das Letras, e falei: “Tô aqui com um material maravilhoso de uma entrevista com o Tom”. Conhecia todas as pessoas da Bossa Nova, já tinha entrevistado o Vinicius (que na época já

havia morrido), o Carlinhos Lira muitas vezes, conheci a Nara Leão, tinha uma intimidade, inclusive física, com os ambientes da Bossa Nova. Embora fosse muito jovem pra ter frequentado, por exemplo, o Beco das Garrafas, sabia onde tinha sido o território da Bossa, não era um mistério para mim. E tinha uma grande curiosidade sobre as pessoas que tinham feito a Bossa Nova. Tanto que eu falei para o Luiz: “Não é um livro exatamente sobre a Bossa Nova, não é uma coisa só para acadêmicos, análise de letras de músicas, essa coisa chata que vivem fazendo. Vou contar a história de como começou, como foi feito o movimento, quem eram aquelas pessoas, o que elas faziam, como se reuniam, como se comportavam, namoravam, se sabiam música, se não sabiam, de onde tiraram a ideia da Bossa Nova”. E o Luiz topou na hora. Talvez fosse o único editor do Brasil naquela época que reagiria dessa maneira, porque ninguém queria saber de Bossa Nova.

Método de trabalho

Naquela época não tinha como aprender sobre biografia ou livro de reconstituição histórica com ninguém. Eu não tinha com quem conversar, tive que ir aprendendo no decorrer do trabalho. Mas logo de cara descobri que não poderia fazer igual os fascículos da Editora Abril, que davam uma aula de História que o leitor não pediu para ter. Pensei: “Está errado isso”. Tenho que contar uma história sem fugir da História, mas dando o contexto da época e do espaço onde tudo aquilo aconteceu. E como fazer isso? Eu concluí que fazendo perguntas. Perguntando às pessoas sobre a vida delas, se tinham carro, se não tinham, se pagavam aluguel, que uísque tomavam, se não tomavam, se namoravam (naquele tempo não tinha motel nem nada, tinha que namorar na praia, o chamado sexo à milanesa). A

chave era ir fazendo perguntas sobre a vida pessoal e ir encaixando essas informações na medida que elas coubessem, para dar um contexto em volta do assunto principal, que era a música.

Os mais importantes

Ao longo do processo, fui aprendendo algumas coisas. Fui conversar com o Tom logo de cara. E ele me deu um baile. Só respondeu o que queria e me deixou chupando o dedo. E aí eu pensei: “Tá errado isso”. Essas pessoas muito importantes, como o Tom, o João Gilberto e o Carlinhos Lira têm que ser as últimas a serem entrevistadas. Tenho que aprender tudo sobre eles primeiro, pra depois ir conversar, de modo que não fujam das perguntas. E comecei esse trabalho, que leva anos (o livro da Bossa Nova levou todo o ano de 1988, de 1989 e quase todo o ano de 1990). Então dá tempo de você aprender quase tudo sobre o assunto e, quando for conversar com as figuras mais importantes, apresentar uma realidade em que são obrigadas a falar “sim” ou “não”. E normalmente falam sim, porque se falarem não e eu souber que é sim, vou jogar outra realidade em cima deles.

Não basta ser jornalista

Eu achava que um livro como esse [*Chega de saudade*] seria uma grande reportagem, mas aí eu rapidamente me convenci de que não era. Não tem nada a ver. Não adianta você ser um ótimo repórter. Isso não te tornará um bom biógrafo. Porque a biografia é outra coisa. Se você for um repórter, jornalista, realmente vai ter facilidade em localizar fontes, marcar uma entrevista, se preparar para essa entrevista, pegar as informações da conversa e organizá-las de maneira coerente. Em tudo isso realmente a imprensa te ajuda. Mas parou aí. Você tem que ter uma chamada cultura geral, que um jornalista nem sempre

tem. Porque se você tiver que aprender do zero, tudo o que está contido numa biografia, você vai levar dez anos para fazer. Então é preciso partir de um conhecimento amplo de certas coisas.

Trabalho monumental

Um trabalho de biografia ou de reconstituição histórica é composto de milhões e milhões de partículas de informações que o jornalista não tem e não é obrigado a ter. Como diz o Elio Gaspari, “Jornalista não tem que saber nada, tem é que aprender”. Mas para fazer um livro, você já tem que saber muita coisa de antemão. No caso do *Chega de saudade*, tive a ideia de fazer em livro porque era um assunto que eu já sabia ser muito amplo, que ocuparia tanto espaço que não caberia numa série de matérias de jornal. O veículo, para fazer isso, seria o livro. No que comecei a fazer o *Chega de saudade*, descobri a diferença entre trabalhar para jornal e para livro. A diferença entre você nadar num lenço úmido ou se jogar no oceano atlântico. O livro é o Oceano Atlântico, o lenço úmido era o artigo de jornal ou de revista. Mas o fato de você ter o espaço de um livro, de poder nadar à vontade, não te permite usar as palavras de maneira irresponsável. Tem que ser tão conciso ao escrever um livro como seria ao escrever um artigo de jornal. Só que você poderia escrever muito mais coisas em um livro.

Contar uma história

Ao contrário de todos os livros de música popular feitos até então, que eram livros de análise de letra da MPB do ponto de vista sociológico, psicológico, etc., o *Chega de saudade* não tinha nada disso. Tinha uma história. Não era um livro sobre a Bossa Nova, era um livro sobre as pessoas que fizeram a Bossa Nova, uma geração interessantíssima, fascinante, jovem, moderna,

numa época espetacular do Brasil que até então era muito pouco estudada. O período Juscelino era muito pouco estudado. Hoje tem milhões de livros a respeito, mas em 1990 não tinha quase nada. Acho que foi a quantidade de informações, presente em *Chega de saudade*, que abarcava toda uma época e um contexto, que surpreendeu as pessoas.

Nelson

Descobri que queria fazer *O anjo pornográfico* no meio do *Chega de saudade*. Falei para o Luiz Schwarcz, “Assim que eu terminar o livro sobre a Bossa, quero biografar o Nelson Rodrigues”. E o Luiz, já irresponsavelmente na época, acreditava em tudo o que eu propunha para ele. Então já ficou definido que eu faria *O anjo pornográfico*, a biografia do Nelson Rodrigues, que não tinha esse título ainda.

“Quando fui fazer *O anjo pornográfico*, sabia que o livro seria julgado à luz do *Chega de saudade*.”

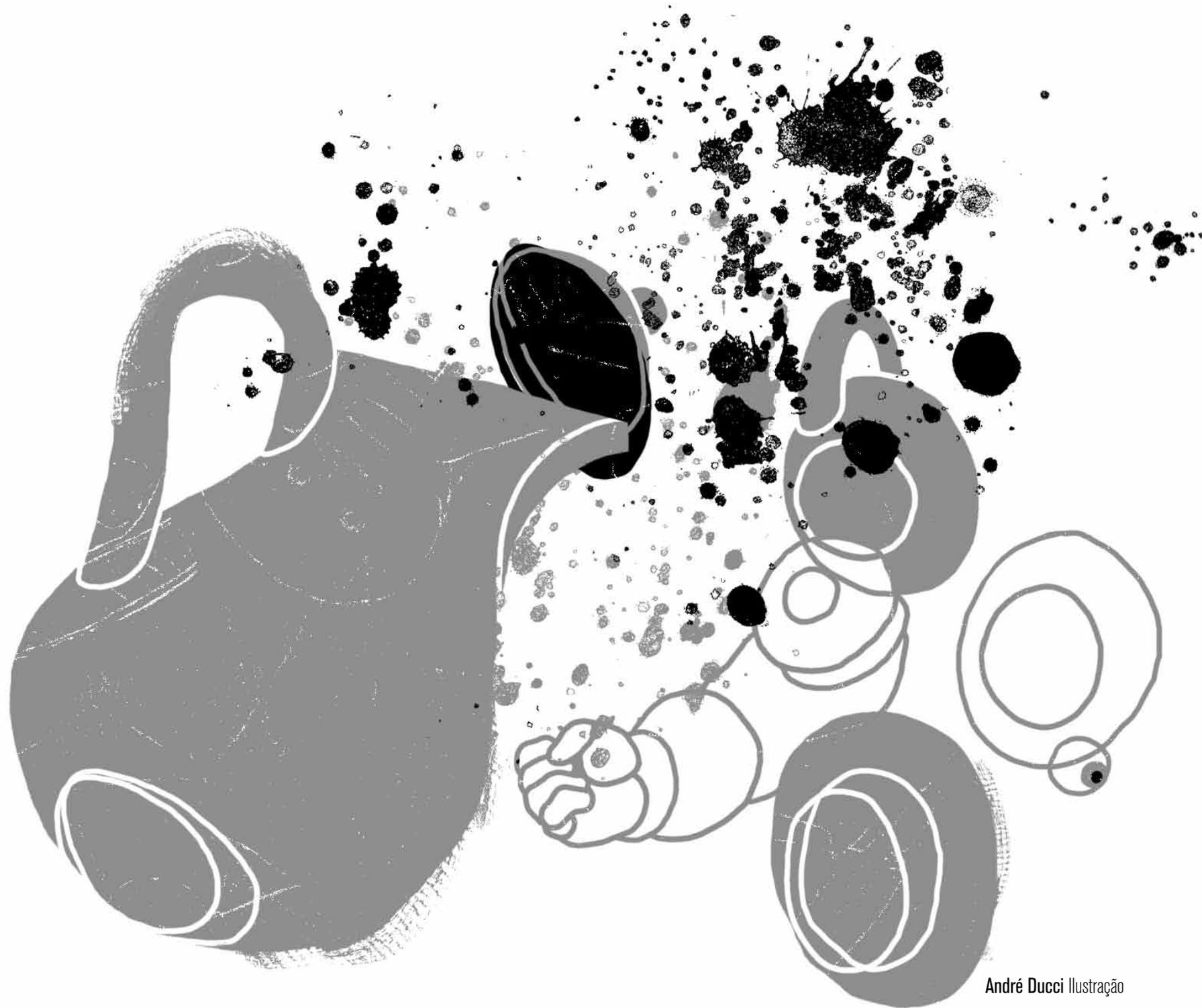
Sem descanso

Quando fui fazer *O anjo pornográfico*, sabia que o livro seria julgado à luz do *Chega de saudade*. E seria, com toda a certeza, julgado desfavoravelmente. Então pensei o seguinte: “Em matéria de informação, tenho que passar com o trator em cima, dar marcha ré e passar de novo. Tem que ter mais informação ainda do que no *Chega de saudade*”. E foi o que eu fiz. Me empenhei para que tivesse mais informação.

E o pior é que passei a usar isso como uma lei para mim mesmo: cada livro tem que ter mais informação do que o anterior. Por isso leva mais tempo para fazer. *Chega de saudade* e *O anjo pornográfico* levaram dois anos e pouco para escrever. O livro do Garrincha levou três. O livro da Carmen Miranda levou cinco. Ou seja: eu sempre me botando dificuldades a mais. Tem que ouvir mais gente, tem que ouvir mais gente mais vezes, tem que consultar a coleção inteira da revista tal, de 1930, tem que fazer isso, fazer aquilo, não posso descansar enquanto não apurar cada informação, cada pergunta que eu mesmo me tivesse proposto. A graça é exatamente essa: a cada problema que você propõe para o livro, tem que ir atrás da solução. Não pode descansar até solucionar. Isso é cláusula pétrea na preparação de uma biografia. ■



CONTO | MAURÍCIO DE ALMEIDA



André Ducci Ilustração



CHÁ

Ao abrir a porta, já o sorriso de Inês indis põe Maria, que, com o semblante rijo, as sobranceiras arqueadas e os lábios comprimidos impõe silêncio. Inês circunspecta o rosto forçando jeito, pede licença e aguarda o passo que abre caminho à passagem: entra atuando cuidado com algum cinismo, desdenhando respeitabilidades e, tão logo ouve o giro da chave, sussurra

— ele está?

provocando a irmã mais velha. Mas, alheia ao sarcasmo dessas travessuras, Maria se enfastia com a obviedade do questionamento, pois, se acaso Rômulo estivesse em casa, jamais essa calma. Basta uma breve negativa com a cabeça para que Inês caminhe pela sala tocando os retratos e as páginas abertas da Bíblia, um averiguar lúdico e supostamente desinteressado que desvia dos brinquedos ao chão até alcançar o sofá quase coberto por uma manta amarfanhada sobre a qual ela se deixa cair sem o trabalho de estendê-la. Ainda à porta, Maria incomoda-se com a pouca austeridade de Inês (por que seria diferente?) e ao ouvi-la com uma voz mansa

— o bebê?

responde sem paciência

— dormindo

atravessando o cômodo até o corredor para desmobilizar a impertinência da irmã. Todavia, forjando o dia como apenas mais um dia, Inês aconchega-se ao encosto desfazendo-se da manta com a intenção de permanecer sentada. Haverá de mudar?, pondera Maria com exaspero, um dia se portará de acordo?, e, prestes à irritação por deduzir que Inês não só dissimula compreender o convite como também desfiará bobagens, ela se antecipa e propõe

— vamos comer alguma coisa

vencendo com poucos passos o corredor para chegar à cozinha sem saber ao certo o que fazer, pois há alguns dias (desde quando, afinal, deu ouvidos aos comentários de Inês sobre Rômulo e o filho) debate-se no desnorteio de uma aflição tão voraz quanto vertiginosa: ela mesma haveria de mudar?

Inês acompanha a contragosto, senta-se à mesa e observa a irmã recolher os poucos utensílios do corredor e devolvê-los às gavetas e aos armá-

rios com gestos afoitos e pouco destros. Descobrimo-se prestes a abrir brechas, Maria vê a pequena caixa de chás sobre a mesa e anuncia

— tomarei chá

mas o titubeio da voz que quase desfaz a asserção em interrogativa evidencia o subterfúgio desses afazeres desnecessários. Mesmo envergonhada por flagrar-se em artifício, Maria pergunta ainda de costas

— quer?

e Inês concorda sem vontade, propiciando a Maria (não sem culpa) a evasiva de outras tarefas. Ela se agacha frente a pia e destrincha entre panelas empilhadas e garrafas vazias a chaleira que leva à torneira: o fluxo d'água carrega a voz da irmã e, não obstante permita tempo, também prediz conflito: sentindo-se ignorada, Inês abandona as observações sobre a qualidade e os propósitos de chás e se remete a questões travestidas de comentários sobre o sono irregular de bebês e as cólicas sem explicação. Maria opta por resguardar-se ainda um instante e balbucia concordâncias quaisquer, dedicando

tanta cautela em ações corriqueiras que Inês percebe o expediente — e, talvez por isso, certamente para espezinhá-la, reitera opiniões até Maria irritar-se por pressentir arдил ou ironia nessas investidas e responder incisiva, sonos e cólicas, noites a fio de febre e choro, um inferno que faz as palavras saírem trêmulas e o qual ela tenta dirimir indo ao armário para pegar pires e xícaras, um pote de açúcar. No entanto, é irreversível o propósito já deflagrado desse entrave e Inês finalmente confronta Maria com interrogações, questionando se a alimentação do bebê já prescindiu o leite materno. Mesmo que relute em quantas tarefas (e note o sarcasmo de duas mamadeiras que ladeiam a torneira), a indagação de Inês demanda um retorno e Maria grunhe

— sim

como se confessasse uma possibilidade até então impensável. Desacorçoadada, distribui com involuntária brusquidão os objetos sobre a mesa, mas, notando a rispidez desses atos no susto de Inês, ela refaz movimentos idênticos para dispor no lugar em que já se encontram as colheres ao lado das peças, o

açúcar ao lado da caixa de sachês de chá.

Inês espera Maria sentar-se, finca os cotovelos ao redor dos pratos e pergunta sem outros preâmbulos

— faremos o combinado, então?

retraindo Maria por não haver mais contorno possível, é inevitável decidirem qualquer futuro ou ao menos discutirem se Inês tem razão sobre o destempero de Rômulo e, portanto, se a proposta dela fundamenta solução. Deveria acreditar na irmã se ela tão diferente?, mais nova e arredia, vida incerta que a levou a uma gravidez solteira e Deus sabe lá como corrigir esses caprichos (ainda que seja negar o sopro de vida). Que entende Inês de casamento? se Maria nunca duvidou de que para a irmã o amor sempre teve giro rápido e provisório, reação momentânea e impulsiva quando deve ser lento e cuidadoso, maduro e paciente porque tudo pode, em tudo crê. Ao mesmo tempo, a espantosa revisão de Inês ao ocorrido de dias atrás promoveu outras perspectivas sobre a irritação de Rômulo, fazendo os vergões no braço de Maria doerem como se ainda a pressão dos dedos, a mão estendida ressoar o tapa seco

do qual ele desistira, os gritos mais vociferados antes de abandoná-la assustada ao canto da cozinha. O amor tudo suportar? Conquanto tente remitir dúvidas, Maria não contém o estremecimento ao reviver o pavor de acompanhar cada passo dele até chegar à sala, abrir a porta e sair indiferente ao choro ainda miúdo do bebê no quarto. Talvez o amor nem por tudo sofra.

Mas outra vez uma confusão aguda de tantas incerteza, a descrença irrompendo em um ruído, o sopro alto e insistente da chaleira e nenhum consenso, dia após dia o insuportável gosto amargo da contrariedade, a reação assustadiça ao menor toque, qualquer contato, nenhuma palavra a não ser vontade de grito se realizando em uma insônia que assola e não cede, um debater-se estéril noite afora (e na lembrança os braços dele envoltos ao corpo dela em noites antigas, o calor do sono), a frustração desmobilizando tentativas (nenhum abraço, ao menos o sono dele) e as poucas energias dissipadas horas adentro (apenas a distância fria entre os corpos), um assovio constante que encontra voz

— Maria?
demandando atenção
— está ouvindo?

desmerecendo a dor como sempre desmerece os sentimentos dela (nenhum corpo, o vazio), o vazio de entendimento no qual ela sobrevive açoitada por um chamamento

— Maria?

Inês insiste para recuperar a irmã alheia e então as pupilas afiando-se pontiagudas, a boca entreaberta em um susto e Maria reagindo como se recém desperta ao ouvir

— a água ferveu

desfazendo a chama do fogão em um giro, o pano de prato amparando a asa da chaleira que ela tomba na xícara da irmã um tanto de água e também um gole para si antes de devolvê-la à pia e sentar-se como se nada, como se tudo bem. E, indiferente à incógnita que Inês suspendeu à mesa, Maria puxa pelo barbante fino um pacote de chá e o deposita com deferência na xícara. Observa a submersão e o suspiro verde daquele retângulo ao qual ela impede superfície com a colher, afogando-o com açúcar em um giro rápido, incisivo remoinho

voluteando as ideias quase à boca em uma vontade de dizer a Inês que o ama apesar de não compreender a razão de amá-lo, quiçá precise dele em casa mesmo transtornado por um mal do álcool, pois senti-lo perto acalma em uma paz tumultuada, cheia de acidentes e percalços, contudo calma ainda assim. Por isso, malgrado Inês não entenda, Maria rende-se à necessidade de explicar-se

— ele não tem a intenção

arrepende-se antes de terminar a frase e murmura tentando voz

— mas preciso pensar em mim

reparando no engasgo a denúncia da falta de certeza e repetindo

— sei que preciso

para evitar desaprovações. Não é mais capaz de satisfazer-se com a vida que tem e conhece?, dedicar-se ainda ao que escolheu e lhe cabe?, que sabe Inês da implicação dessas escolhas?

As mulheres sustêm o silêncio das xícaras à boca, pois qualquer movimento ou palavra reverberariam excessivos. Inês volta-se ao corredor certa de ouvir o bebê e Maria pinça com os dedos o barbante vazando pires afora. Ela acolhe o pacote de chá com a colher e, antes de

desfazer-se dele ao pires, com surpresa o traz a altura dos olhos: investiga com estranheza e ojeriza o embrulho intumescido gotejar como se sangrasse, mínima bolsa desfalecida e frágil incapaz de reter em si o conteúdo vazando sombrio. Inês volta-se àquela tarefa curiosa e prontamente a ignora, devolvendo a xícara à mesa — e Maria não duvida que a pose arrogante se presta a forjar a impaciência de estar prestes à conquista de algo. Comovida com o instinto que dispensa a lógica e impõe verdade à desconfiança, Maria enrijece cada gesto pronta a resistir às tentativas de acuá-la a uma decisão. E basta tão somente um gole da água rançosa para que, em um arroubo sem medidas, pegue as xícaras e as enxague todas, não sem antes apertar os pacotes de chá com força exagerada e jogá-los na lixeira ao lado do fogão, à altura dos pés. Mesmo finalizada a limpeza, Maria permanece observando pelo vitrô sobre a pia o quintal de cimento batido, a tinta do muro carcomida e reafirma a si mesma quando Inês pergunta — e então?

que, se o amor tudo pode, não há intransigência ou reação condenável. ■

Música do acaso

Paula Moraislow



A atriz Michelle Pucci durante performance do projeto *Mesmas coisas*.

A partir de um livro inédito de Manoel Carlos Karam, projeto teatral realizado em Curitiba regasta a proposta estética do artista, que desenvolveu enredos não lineares, fragmentados e em sintonia com o nonsense

LUIS IZALBERTI

Uma década após a morte de Manoel Carlos Karam, a obra do autor é cada vez mais cultuada e, no momento, adquire visibilidade por meio de uma iniciativa centrada nas artes cênicas. *Mesmas coisas*, título de um livro inédito de Karam sem data para publicação, dá nome a um projeto que envolve ensaios abertos, leituras, serenatas, um filme, a publicação de uma revista e encenações, algumas realizadas dentro da programação da 26.^a edição do Festival de Curitiba. Também está no ar um site, o www.mesmascoisas.art.br, que disponibiliza informações a respeito da proposta, incluindo imagens das ações e até depoimentos de escritores brasileiros sobre o legado de Karam.

Joca Reiners Terron afirma, no texto veiculado no site *Mesmas coisas*, que Karam deixou uma obra das mais complexas, alegres e provocativas da literatura brasileira dos anos 1980 para cá. “Por sua capacidade de extrair lógica do caos cotidiano, livros como *Encrenca*, *Cebola* e tantos outros pertencem ao aqui e agora do século XXI”, comenta Terron. Em sintonia com o ponto de vista de Terron, as encenações de *Mesmas coisas* — mais que meramente adaptar o texto literário — dialogam com a proposta estética do artista que desenvolveu enredos não lineares, fragmentados e em sintonia com aquilo que teóricos definem como *nonsense*.

O projeto, que levou o texto literário inédito para os palcos, conta com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Curitiba e tem Isadora Flores na direção de produção e a participação do músico Marc Olaf, entre outros integrantes. A atriz e iluminadora Nadja Naira é a diretora da montagem.

Há uma década ela trabalha com textos de Karam — já realizou leituras públicas de *Encrenca* e de *Comendo bolacha Maria no dia de São Nunca*. E a idealizadora da proposta é a atriz e cantora Michelle Pucci.

Há alguns anos, Michelle estudou a obra de Karam, tema do seu trabalho de conclusão do curso de bacharelado em Letras, na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Com orientação da professora e escritora Luci Collin (que também está na equipe de *Mesmas coisas*) e a contribuição de Nadja na preparação, direção e ensaios, a defesa do trabalho acadêmico foi a interpretação de um monólogo que defendia Karam com suas palavras e trechos de seus livros. “Anunciamos [o trabalho de conclusão do curso] como se fosse uma peça de teatro. Tinha cartaz na reitoria, público, aplausos.”, conta Michelle.

Divulgar o legado

Um dos desafios dessa proposta, de acordo com as integrantes, é representar as obsessões de Karam, desde a preocupação com objetos — a bolinha de papel, o extintor de incêndio, o dicionário, etc. — até termos, abordagens e temas recorrentes. “As palavras-chaves que nos orientam são obsessão, farra, jogos e experiência”, afirma Michelle. “Farra é encontrar as pessoas e convidá-las para farrear conosco. É o que a gente está fazendo: encontros de farra”, completa.

E para participar dessa “farra”, de acordo com Nadja, não é necessário ter conhecimento ou contato prévio com a obra de Karam. Até porque *Mesmas coisas* tem, entre outras finalidades, divulgar o legado do escritor. Para atingir o objetivo, a trupe optou pela estratégia de

realizar ensaios abertos. “A intenção é aproximar, de várias maneiras, a obra do Karam do público”, diz Nadja. Trechos do livro foram musicados e apresentados ao público — em cima da carroceria de um caminhão — em três praças de Curitiba: Nossa Senhora da Salete, Santos Andrade e na Osório. “Uma experiência, ótima, que pretendemos repetir”, comenta Michelle.

Michelle e Nadja fazem questão de destacar o acaso como um elemento fundamental neste projeto envolvendo uma obra do Karam. “É um acaso que só aparece quando há condições propícias. Ele não é um erro, mas um treinamento em que a gente cria condições para que o acaso apareça”, teoriza Nadja. Ela acrescenta que aproveitar o acaso tem relação com o processo criativo do escritor, que trabalhava em suas obras sem saber exatamente onde as suas narrativas iriam chegar, muitas vezes conduzido por uma espécie de “música do acaso”.

Catarinense de Rio do Sul, Karam fixou residência em Curitiba desde 1966. Na capital paranaense, escreveu e encenou peças, atuou na imprensa e escreveu obras de ficção, entre as quais *Pescoço ladeado por parafusos* (2001), *Encrenca* (2002), *Sujeito oculto* (2004) e *Algum tempo depois*, publicada postumamente há três anos pela Arte&Letra. Nadja lembra que o escritor costumava incentivar qualquer iniciativa que apropriasse e recriasse os seus textos literários — o que acontece agora com *Mesmas coisas*. “A literatura do Karam joga a gente para o mundo, joga a gente pra fora e depois a gente volta pra ele, inevitavelmente. Você lê o Karam, larga o Karam e volta para o Karam. Para as mesmas coisas”, afirma Michelle. ■

Reprodução



A seguir, o **Cândido** publica trechos de *Mesmas coisas*, livro inédito de Manoel Carlos Karam.

Algum gesto de lançar alguma coisa a alguma lata de lixo alguma vez revelou algum prazer?

Uma folha de papel. O primeiro gesto é amassar a folha de papel até que ela se transforme numa bola de papel, e depois da transformação, lançar a bola de papel ao lixo. Há algum prazer em se livrar de alguma coisa em algum lixo.

Algum folheto que chegou pelo correio oferecendo alguma vantagem em comprar em alguma loja. Ele pode ser aquela alguma folha de papel transformada naquela bola de papel para ser lançada ao lixo. Com algum sentimento de algum prazer.

Uma carta, alguma bola de papel ela também. Não é conveniente rasgar cartas antes de jogar no lixo. Poderá haver algum arrependimento. Desamassar bolas de papel requer muito pouco de engenho e arte. Menos engenho e arte que os necessários para montar um *puzzle*.

É formidável. É formidável. Quase esqueci de contar o que um dia eu cheguei a fazer, transformei a folha num avião de papel. Pratiquei pontaria na cesta do lixo com o avião de papel. Formidável. Nem preciso dizer, formidável.

Há quem exerça o prazer de jogar fotografias no lixo. Amassadas ou rasgadas ou inteiras. Uma fotografia pode tomar a forma de bola de papel. Pode tomar a forma de objeto para praticar pontaria na cesta de lixo. Qualquer coisa pode tomar a forma de objeto para praticar pontaria na cesta do lixo.

Lançar fotografias ao lixo. Algum prazer em lançar alguma fotografia em algum lixo. Sim. Algum prazer. Fotografias inteiras. Sem amassar nem rasgar nem enrugar. Fotografias inteiras jogadas no lixo.

Então proteger o lixo. Basta proteger o

lixo. Quem nunca guardou uma coleção de fotografias no lixo que atire a primeira bola de papel.

Já devo ter contado pra você. Há dias em que fico na janela observando o caminhão que recolhe o lixo. Eu faço então um inventário de tudo aquilo que poderia ter ido naquele caminhão. Os homens do caminhão do lixo já me perguntaram o que eu faço na janela quando eles passam. Eu contei.

Outra coisa que lanço ao lixo com algum sentimento são as folhas do calendário. Mas não amasso. Folha de calendário não vira bola de papel. Eu ficaria aborrecido por amassar o dia de ontem. Ou o sábado da semana retrasada. E também não rasgo. Não se rasga folha de calendário. Arrancar do calendário já é uma violência, é ou não é? A folha do calendário vai inteira para o lixo. Mas não sou daqueles simétricos que entregam para o caminhão o saco de lixo com folhas do calendário uma vez por ano. Eu entrego ao caminhão do lixo as folhas de um ano inteiro toda semana. Se os homens do caminhão do lixo percebessem teriam mais uma pergunta pra me fazer.

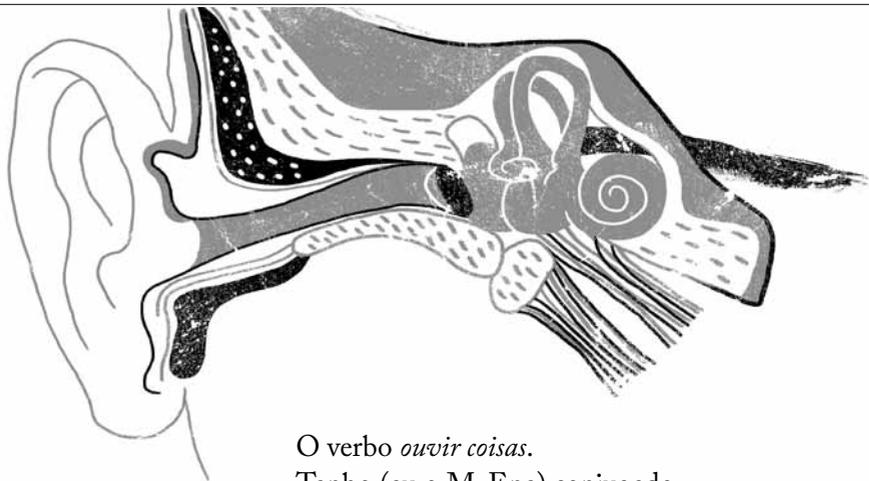
Algum gesto de lançar alguma coisa a alguma lata de lixo alguma vez revelou algum prazer?

Eu havia feito a pergunta sobre aquele algum prazer. Ela me ocorreu no momento em que eu atirava um palito de fósforo ao lixo, um palito de fósforo aceso. Foi aí que me ocorreu perguntar. Se algum gesto de lançar alguma coisa a alguma lata de lixo alguma vez revelou algum prazer. Foi aí. Na ponta acesa do palito de fósforo no lixo.

E varrer lixo pra baixo do tapete? Você já ouviu falar? ■



André Ducci Ilustrações



O verbo *ouvir coisas*.

Tenho (eu o M. Ene) conjugado.

Do nada, chega do nada, ouço aquilo que chega do nada.

Que é de onde suspeito que eu mesmo cheguei.

Nada, como se sabe, é aquela parte em volta do palco do teatro chamada de coxia.

Ouvir coisas.

Sino de igreja, esta eu já contei, ou alguém contou, ouço de vez em quando e não sei de onde.

O sino sem a igreja.

Buzina de caminhão e sineta de bicicleta e sirene de bombeiro e apito de trem e cincerro de vaca.

Ouçó.

Mas sem o caminhão e sem a bicicleta e sem o bombeiro e sem o trem e sem a vaca.

O verbo *ouvir coisas* é irregular.

Conjuga-se como *ouvir vozes*.

Discurso e declamação e comunicado e sermão e conferência e impreciação e narração de jogo de futebol pelo rádio.

Assim do nada, de repente, pimba.

O verbo *ouvir vozes* é direto.

Mas cai num ouvido e não consegue encontrar o caminho do outro.

Neste caso transforma-se em indireto.

Então conjuga-se como o verbo *ouvir estrelas*.

Senso extraviado mas origem conhecida.

A abóbada celeste.

Vem pelo sótão, sem possibilidade de vir pelo porão.

O verbo *ouvir estrelas* entra pelas goteiras de qualquer telhado.

Faz algum estrago no sótão.

Encontra o caminho para o centro da casa.

Usa trombetas para anunciar a chegada.

E não sossega enquanto não se enfia pelo assoalho e acaba no porão.

Goteiras no assoalho.

Em casa de quem ouve estrelas, ora.

Ouvir verbos.

Então os vizinhos não tiveram necessidade de uma busca demorada pra descobrir moral pra história.

Foi rapidíssimo, e já havia moral da história circulando na rua.

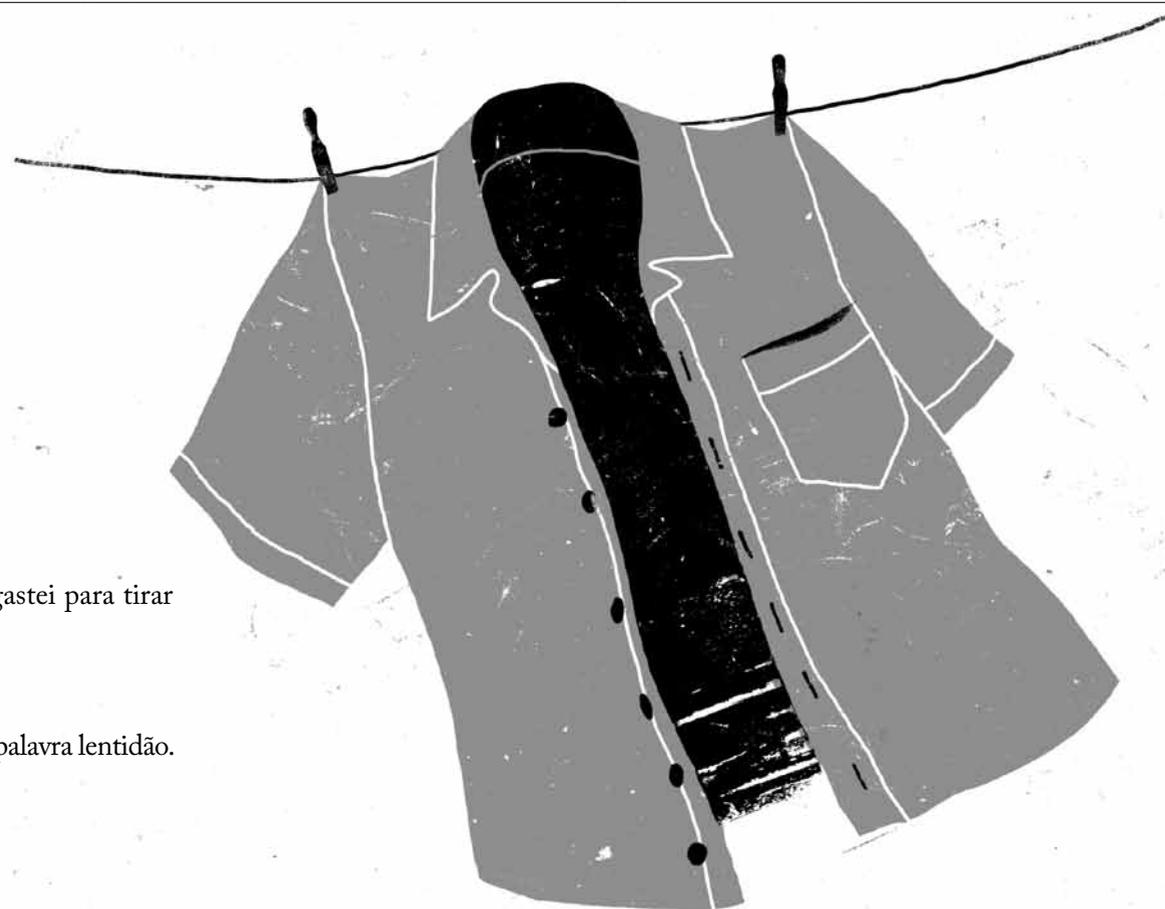
Me comunicaram que eu devia adotar a moral da história como lema e divisa e bandeira e slogan.

Murmurar como mantra, ora.

A moral da história descoberta pelos vizinhos é lema e divisa e bandeira e slogan e mantra.

Não precisa gritar que eu não sou surdo.

Vou traduzir pro latim que fica melhor. ■



Comecei de manhã, terminei já era noite.

Foi o tempo que eu (o Professor Vargas pê maiúsculo faz favor) gastei para tirar a bicicleta do porão.

Ou do sótão, depois eu decido.

Gosto de fazer as coisas com calma.

Uma vez gastei 35 minutos para encontrar no dicionário o verbete da palavra lentidão.

Já chegou a durar uma hora o meu tempo para acertar o relógio.

Para ir à padaria da esquina, então.

Quatro horas foi o tempo mais curto.

Eu me distraí naquele dia e andei com uma pressa bestial.

Mas o comum é ir à padaria num dia e voltar no outro.

Isso de ir num pé e voltar no outro é bobagem.

O pão?

Pão dormido.

Pra que pressa?

Não persigo a máxima de que os últimos serão os primeiros.

Não serei o primeiro porque não sou o último.

Há os mais lentos que eu.

Uns perfeccionistas que chegam ao cúmulo de andar de quatro e de ré.

Onde já se viu ponto de exclamação.

Um dia ainda vou tentar, é claro.

De quatro e de ré.

Quem sabe do futuro ponto de interrogação seguido de ponto de exclamação e provavelmente reticências.

É ou não é?

Sempre que começa uma chuva eu recolho as roupas do varal.

Nunca teve chuva que me ganhasse.

Sempre termino de recolher a roupa depois que a chuva acabou.

Salvo quando começa outra chuva.

Eu faço experiências.

Este tipo de coisa acaba levando a gente a fazer experiências.

É ou não é?

De quatro e de ré ainda vai ser uma delas.

A experiência que eu fiz foi transitar do porão ao sótão.

Ou do sótão ao porão, depois eu decido.

A experiência foi bestial.

Eu perdi a conta porque o meu relógio parou e eu não percebi.

Se eu pelo menos tivesse contado quantas vezes acendi e apaguei a luz poderia ter calculado o número de dias e de noites.

Um dia eu repito a experiência.

Com pilhas sobressalentes para o relógio.

Não vou, é claro, contratar um assistente.

Isso nunca.

Mas sei de gente que tem até treinador.

Onde já se viu ponto de exclamação.

É ou não é?

Tem também, me lembrei agora, o botão.

Foram seis meses para pregar um botão na camisa.

Mas não passei seis meses inteiros, que não sou louco.

Eu fazia dois turnos de quatro horas por dia.

Sou calmo até para organizar a minha calma.

É ou não é?

A humanidade eu não sei, mas eu caminho com calma.

E nunca se viu botão tão bem pregado numa camisa.

Este depoimento.

Quanto tempo acham que eu levei? ■

A poesia brasileira passa por ele

Reprodução



Drummond fotografado em seu apartamento em Copacabana, no Rio, na década de 1980.

Após 30 anos da morte do poeta, o legado de Carlos Drummond de Andrade — aclamado em vida — é cada vez mais presente no imaginário nacional e na obra de autores contemporâneos

MARCIO RENATO DOS SANTOS

O legado de Carlos Drummond de Andrade ultrapassa o domínio estrito do mundo literário especializado e possui alcance popular. Isso não diz respeito apenas, por exemplo, à estátua do poeta na orla da praia de Copacabana, no Rio de Janeiro — cidade onde o mineiro nasceu em 1902 em Itabira fixou residência ainda na década de 1930. O professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), curador literário e poeta Ítalo Moriconi lembra que há fragmentos da produção drummondiana no DNA do povo brasileiro, seja a expressão “pedra no caminho”, do poema “No meio do caminho”, ou a pergunta “E agora, José?”, do poema “José”.

Apesar da presença de Drummond no imaginário nacional, Moriconi tem a impressão de que em 2017 — três décadas após a partida do autor, morto no dia 17 de agosto de 1987 —, entre as novas gerações não há grandes conhecedores, leitores contumazes ou de cabeceira da poesia do artista mineiro. “Mas não tenho dúvida de que qualquer leitor contemporâneo que pegar a obra de Drummond vai ver que ali está a poesia essencial, poesia literária da boa”, diz.

O professor da Universidade Brasília (UnB) Alexandre Pilati analisa que o legado de Drummond para a poesia brasileira é inestimável. “Ele está certamente entre os grandes escritores modernos de todo o mundo”, afirma. No entendimento do estudioso, a obra drummondiana representa um grande e complexo universo em que se encontram desde elementos mais íntimos da

experiência brasileira quanto forças literárias da tradição universal recolhidas e criticadas sob um ponto de vista que privilegia a estética do impasse.

Professor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Wilson Alves-Bezerra acredita que Drummond é um dos grandes poetas da língua portuguesa. “Sua escritura intimista e reflexiva e ironia fazem dele um dos maiores poetas modernos entre nós”, comenta. Aliado a isso, acrescenta Alves-Bezerra, ocorreu com Drummond o fenômeno de ser um poeta lido e reconhecido em vida. “A sua popularidade também tem a ver com sua linguagem cativante, com sua escrita linear, de aparente simplicidade, e a eleição de temas universais, como o amor, a condição humana e o corpo. A atitude do sujeito perante um mundo que o ultrapassa, o exacerba e o interroga é outro dos grandes temas do poeta”, diz, sem deixar de observar que Drummond se tornou um personagem da nossa cultura, conhecido inclusive por não-leitores de poesia, o que, entre nós, é um fenômeno raríssimo.

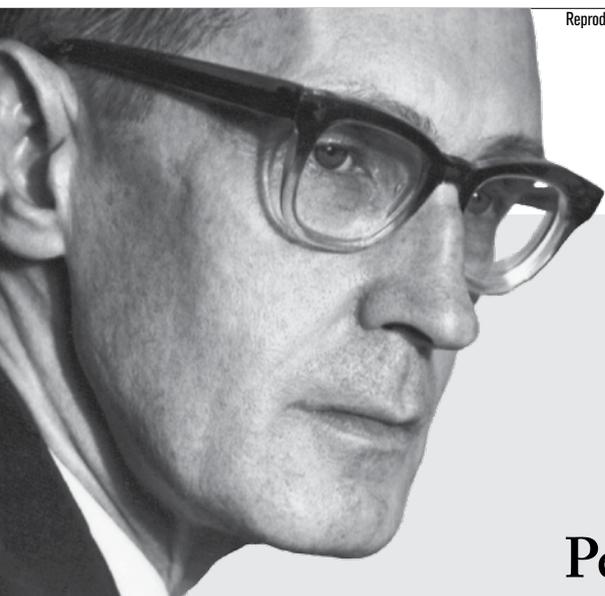
Longa estrada

O professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Antônio Marcos Vieira Sanseverino chama atenção para seis livros do início da trajetória de Drummond: *Alguma poesia* (1930), *Brejo das almas*, (1934), *Sentimento do mundo*, (1940), *Poesias* (1942), *Rosa do povo* (1942) e *Claro enigma* (1951). No caso de *Alguma poesia*, Sanseverino destaca o texto

ALGUMA POESIA CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE



Livro de estreia do autor, que agora tem a obra publicada pela Companhia das Letras.



Reprodução

Percurso *gauche*

Dia **31 de outubro de 1902**, nasce Carlos Drummond de Andrade, em Itabira (MG).

Em **1919**, é expulso do Colégio Anchieta por insubordinação mental. No ano seguinte a família se muda para Belo Horizonte.

1925 é o ano em que o poeta se casa com Dolores Dutra de Moraes e também a data em que se forma no curso superior de Farmácia, mas não exerce a profissão com a finalidade de “preservar a saúde dos outros”. Em 1928, nasce a filha Maria Julieta e ele publica, na Revista de Antropofagia, de São Paulo, o poema “No meio do caminho”.

Estreia na vida editorial em **1930** com o livro *Alguma poesia* — os 500 exemplares são bancados pelo autor. Em **1934**, publica o segundo livro, *Brejo das almas*, e muda-se com a família para o Rio de Janeiro para trabalhar como chefe de gabinete de Gustavo Capanema, ministro da Educação e Saúde Pública.

Em **1942**, José Olympio passa a publicar o poeta em sua prestigiada e homônima editora. Durante os anos **1940**, Drummond colabora em jornais, entre os quais *Correio da Manhã* e *Folha Carioca*. Publica *Claro enigma*, *Contos de aprendiz* (o poeta também se aventurou pela ficção breve) e *A mesa* em **1951**.

Em **1964**, a Aguilar publica a primeira edição de sua *Obra completa*.

Deixa o *Correio da Manhã*, em **1969**, e passa a escrever nas páginas do *Jornal do Brasil*.

Em **1972**, jornais cariocas, paulistanos, mineiros e gaúchos publicam suplementos especiais celebrando os 70 anos de Drummond.

Recusa o Troféu Juca Pato em **1983**.

Sofre um infarto e é internado durante 12 dias em **1986**.

Em **1987**, é homenageado com o enredo “O reino da palavras” pela Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, que vence o Carnaval do Rio de Janeiro. No dia 5 de agosto, morre a sua filha, Julieta — 12 dias depois, o poeta morre em decorrência de problemas cardíacos.

inicial, “Poema de sete faces”, que traz um “eu” retorcido apresentado na primeira estrofe: “Quando nasci, um anjo torto/ desses que vivem na sombra/ disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida.” “Esse sentimento esquerdo e essa determinação de quebra do padrão, em oposição à normalidade, transformam-se no humor melancólico de quem se fragmenta em sete faces”, explica.

De fato, o livro de estreia de Drummond reúne poemas que são relevantes na trajetória do poeta e marcos da poesia brasileira, entre os quais o já citado “Poema de sete faces” e “Infância”, “Lagoa”, “Política Literária”, “No meio do caminho”, “Quadrilha”, “Cota zero”, entre outros.

“Em cada um desses seis livros, de *Alguma poesia* até *Claro enigma*, o leitor encontra grandes poemas”, ressalta Sanseverino. Já Wilson Alves-Bezerra observa que Drummond impôs uma dicção ao verso brasileiro: ele consolidou o verso livre introduzido pelo nosso modernismo. “Depois de Drummond é mais difícil pensar em rimas e sonetos em nossa poesia. A aparente simplicidade de sua lírica se impôs a uma grande corrente de seguidores: no plano da forma, este é seu grande legado”, argumenta o pesquisador da UFSCar.

Ítalo Moriconi destaca a trajetória do poeta como um todo. “Sempre digo que Drummond foi um grande poeta beneficiado pela longevidade, como também foram Bandeira e Cabral, seus dois grandes companheiros no panteão poético-literário brasileiro. O interessante é que em Drummond essa longevidade

vivida é justamente o tema fundamental de sua poesia, seu fio condutor. A poesia dele narra reflexivamente o desenrolar de toda uma vida de um homem, brasileiro, de seu século”, teoriza, acrescentando que a brasilidade de Drummond é universal *a priori*, jamais provinciana — “embora a província seja um dos seus temas fundamentais, por ser lugar de origem dessa vida que se conta em versos modernistas e, por vezes, clássicos.”

Moriconi insiste que, mais do que apenas livros ou poemas, o que considerava fascinante na obra de Drummond são as fases ou etapas. “A primeira dos anos 1920, depois a dos anos 1930, a virada classicizante e em seguida meditativo-filosofante dos anos 40-50, e os diversos flertes com as modas dominantes a partir dos anos 60: experimentalismo, memorialismo, erotismo (este de publicação póstuma)”, comenta.

Criança no tempo

A infância, um dos temas da obra de Drummond, está presente na tese de doutorado “Retratos da infância na poesia brasileira”, defendida por Marcia Cristina Silva na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 2013 — conteúdo que será publicado em forma de livro pela Editora da Unicamp neste ano.

A estudiosa analisa que na obra do poeta há uma desconstrução da infância idealizada, demonstrando que crescer significa também perder. “A realidade que construímos na infância precisa ser desfeita para ser novamente reconstruída. O poeta é ao mesmo tempo o adulto e o menino, as perguntas e a

falta de respostas, o conhecimento e a desconstrução desse saber”, diz.

Marcia afirma que a poesia de Drummond, desde o primeiro livro, *Alguma poesia* (1930), apresenta uma novidade em relação à imagem da criança. “Atrás de um menino solitário e sonhador do poema ‘Infância’ já se escondia um devorador de mundos”, comenta. A pesquisadora também observa que as crianças da obra drummondiana são movidas por algumas fraquezas humanas, entre as quais o desejo pelo corpo feminino e/ou o instinto de caça à realidade em meio às palavras, a exemplo do que se lê no poema “Febril”, do livro em *Boitempo III* (1979): “Ai coxas, ai miragem,/ nudez rindo fugindo!/ Relampeia no escuro/ até no dia claro![...]/ Quando crescer (e cresço?)/ tudo estará presente?/ Ou perco para sempre/ isto que não mereço?”.

Ainda em relação ao poema “Infância”, Marcia não deixa de destacar a presença do personagem Robinson Crusóé, o protagonista do clássico romance publicado em 1719 no Reino Unido por Daniel Defoe. “Robinson Crusóé, a princípio símbolo de solidão, é também o passaporte para o mundo da imaginação. Assim, ao mesmo tempo em que Drummond focaliza uma solidão individual, também consegue enquadrar um sentimento comum a todos”, analisa. A solidão da criança, continua Marcia, é o que grita e nos acorda no poema — e esse sentimento se comunica com adultos de todos os tempos [leia o poema no box ao lado].

Os livros *Boitempo I, II e III*, no

entendimento de Marcia, são peças-chaves para refletir sobre a infância em meio ao legado drummondiano: “Nos dois primeiros, destaca-se a imagem do adulto oprimido pelas lembranças da infância, enquanto no terceiro, em especial no poema ‘Esquecer para lembrar’, há uma superação das barreiras do tempo, o que apresenta ao leitor um diálogo de igual para igual entre a criança e o adulto.”

Vitrine no jornal

Drummond também atuou como cronista, e as opiniões a respeito desta face do autor dividem a opinião dos estudiosos. “O Drummond cronista tem importância devido ao Drummond poeta. A recíproca não seria verdadeira”, afirma o professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), membro da Academia Brasileira de Letras e escritor Antônio Carlos Secchin.

Já Ítalo Moriconi define Drummond como um excelente cronista, “da altura de um Machado de Assis”, mas o professor da UERJ salienta que “a poesia dele é mais importante”. De resto, completa, toda a poesia de Drummond é uma crônica reflexiva do cotidiano de um homem do século XX numa metrópole moderna, de um homem com um pezinho num passado provinciano e rural, que ficou lá atrás, “retrato na parede, doendo”, mas que também toma conta avassaladora de sua intimidade adulta.

Em diálogo com o ponto de vista de Moriconi, Antônio Marcos Vieira Sanseverino afirma que o cronista Drummond não está na mesma altura do poeta, mas, pondera, isso não pode

Infância

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusóé.
Comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
a ninar nos longes da senzala — e nunca se esqueceu
chamava para o café.
Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando para mim:
— Psiu... Não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusóé.



Reprodução

levar alguém a negar sua leitura. “Ao contrário, no cronista encontramos o mesmo esforço de articular o cotidiano, a dicção moderna e a literatura”, diz o estudioso da UFRGS.

Somente no *Jornal do Brasil* Drummond publicou 2.300 crônicas, entre 1969 a 1984 — período em que o impresso carioca contou com um elenco de primeira grandeza, em que brilhavam textos afiadados de Elio Gaspari e Zózimo Barrozo do Amaral, entre outras grifes jornalísticas. Alexandre Pilati observa que “um pouco” da popularidade do poeta Drummond também se deve ao fato de ele ter escrito crônicas delicadas, acessíveis e de grande refinamento literário. “São gêneros muito diferentes (a poesia e a crônica), mas a nossa crônica moderna deve muito ao que Drummond conseguiu contribuir para a sua consolidação como gênero jornalístico/literário”, afirma.

Incontornável

Wilson Alves-Bezerra tem convicção de que a obra de Drummond é uma espécie de porto de passagem, uma aduana. “O que ele produziu é incontornável para quem se proponha a viver do texto. Os 30 anos de sua morte e as leituras que se renovam indicam isso. Ele segue vivo. É bom que seja assim”, comenta Alves-Bezerra.

Antônio Marcos Vieira Sanseverino diz que, depois de Drummond, praticamente se impõe a necessidade de os novos poetas dialogarem com a sua poesia. “Era preciso considerá-lo para

ainda escrever poesia”, ressalta. Sanseverino explica que João Cabral de Melo Neto, por exemplo, se define pela incorporação da pedra e do cotidiano, “mas numa contenção e rigor formais mais acentuados que Drummond”.

Já Ferreira Gullar, salienta o professor da UFRGS, ecoa Drummond em vários poemas. “Os concretos tiveram de se posicionar contra o verso discursivo de Drummond”, observa. E, dando um salto, a poesia dos anos de 1970 não deixa de dialogar com Drummond: “Cacaso e Francisco Alvim atualizam a lírica irônica drummondiana. Adélia Prado e Ana Cristina César parodiam Drummond.”

Antonio Carlos Secchin já apon- tou, em mais de uma ocasião, que Drummond foi um “capítulo novo” na história de nossa poesia — de alto nível, mas inserido num movimento de renovação no qual ele se inseriu como a “pedra” mais preciosa. E, entre os outros autores contemporâneos que dialogam com o legado drummondiano, ele cita Armando Freitas Filho e Eucanaã Ferraz.

Alexandre Pilati observa que seria difícil citar algum bom poeta brasileiro que não foi influenciado por Drummond, mas, de todo modo, destaca dois casos que mostram um pouco da dinâmica de nosso sistema literário: Francisco Alvim (“que tem talvez a obra mais consistente da chamada geração da poesia marginal”), e Chico Buarque (“As letras de suas canções seriam outra coisa se nelas não batesse um forte coração drummondiano”).

Drummond é um poeta incontornável: não é possível escrever poesia, depois dele, sem conhecer a sua obra.

Ítalo Moriconi aponta para Alcides Villaça, Ana Cristina César, Capinam e o já citado Armando Freitas Filho como vozes que têm em Drummond uma referência básica. Moriconi observa que, levando em consideração o panorama da perspectiva de hoje, é complicado fazer marcações ou periodizações em termos de antes ou depois de um poeta em particular.

De acordo com o estudioso, houve um momento em que a poesia de Drummond parecia sufocar as possibilidades de expressão das novas gerações — sobretudo entre as surgidas nos anos 1960 e 1970. “Drummond é certamente o grande referencial — além dos modernistas em geral — da geração 70 do século passado, da geração marginal e ainda estará presente como referência maior nos anos 1980”, comenta.

Já os poetas que surgiram partir de 1990 até hoje — analisa Moriconi — parecem não sofrer tanto o impacto desse legado. “A obra dele está aí, para quem quiser retomá-la, nela buscando inspiração, exemplos, métodos. Mas ela já não é aquela coisa obrigatória da figura do ‘Grande Pai’”, pondera. No entendimento do professor da UERJ, os poetas e as poetas de hoje vivenciam mais uma irmandade sem pai do que uma cultura verticalizada a partir de monstros sagrados: “No mínimo, há mais monstros sagrados, monstros sagrados particulares digamos assim, objetos de devoção diversificados.” ■



Drummond ao sair de um táxi no Rio de Janeiro, em 1982.

Reprodução



Carlos Drummond de Andrade recriado por Cândido Portinari.

O par dialético em Drummond

O professor da Universidade de São Paulo (USP) **Luiz Roncari** explica por que os livros *A rosa do povo*, de 1945, e *Claro enigma*, de 1951, formam um par, representando o coração pulsante e possivelmente o ápice e a plena maturidade da poesia de Carlos Drummond de Andrade

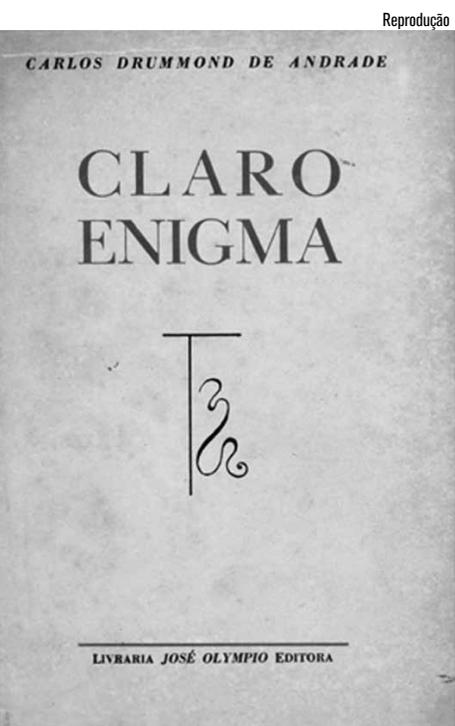
Os livros *A rosa do povo*, de 1945, e *Claro enigma*, de 1951, formam um par e representam talvez o ápice e a plena maturidade da poesia de Carlos Drummond de Andrade. Serão eles que definirão a rota de sua obra poética e ele a seguirá, sempre com acréscimos, porém com poucas alterações de rumo e dificilmente a ultrapassando. Ele os publicou já entrado na casa dos 40 anos, praticamente na metade da vida, nascido em 1902 e falecido em 1987. Do meu ponto de vista, eles são como o coração pulsante da sua extensa obra, estão no centro dela e compõem um núcleo inquieto e inquietante que obriga o seu leitor assíduo, depois de cada novo livro, a se voltar e se reportar sempre a eles.

Ambos contêm separadamente um conjunto de poemas da mais alta elaboração e complexidade, e ficam ali vibrantes em diástoles e sístoles. Como tudo em Drummond, trata-se de um par antitético e carregado de tensões. Já eles parecem puxar para lados opostos, com um querendo se distender e o outro contrair — enquanto *A rosa do povo* abre-se para o mundo, dando continuidade aos livros *Sentimento do mundo* e *José*, o segundo tende fortemente a fechar-se na poesia e preocupar-se sobretudo com ela, como nos exemplos extremados de poemas como “Oficina irritada” e “Opaco”.

Já os títulos dos livros também formam pares com dois membros e tendem a compor oximoros, ao reunir termos indicando mais “ligações perigosas” — *Les Liaisons Dangereuse*, livro de Choderlos de Laclos que Drummond, significativamente, traduziu por

essa mesma época, em 1947 — do que um casamento harmonioso. Assim eles têm também entre si as suas dissonâncias, senão oposições. O título de *A rosa do povo* é composto por duas metáforas, o primeiro membro, a rosa, está no lugar de poesia, que remete ao belo e às obras elevadas do espírito, enquanto o segundo termo, “povo”, aponta para o baixo, o mundo pobre da necessidade, “a palavra carne”, com o que o poeta pretende contrariar a orientação convencional da poesia que quer negar, aquela sonolenta e apagada, que rima “sono” com “outono”, justamente o que ele faz, contrariando a própria promessa de não fazê-lo. E o poeta deve ter sorrido da própria ironia, de quem nega fazer, fazendo. As conotações negativas desse termo são mais acentuadas ainda no Brasil, “país sem povo”, como se diz e verdade reafirmada a cada novo golpe, onde ser do povo não é motivo de orgulho, como nos países de forte tradição republicana, como a França, que tanto se procurou imitar por aqui, mas de rebaixamento e coisa reles.

Já o título de *Claro enigma* é explícito, não recorre às figuras usuais da linguagem poética, mas compõem igualmente um oximoro, cujos termos negam um ao outro: o que é *claro* não pode ser *obscuro*, nem o enigmático pode ter clareza. Porém, no fundo, tanto um livro como o outro tratam da dificuldade de se acomodar na mesma obra duas dimensões contraditórias do sujeito moderno: a da sua vida no mundo social e político com os homens e a da realização da obra poética a que escolheu se destinar: “Já agora te sigo a



As primeiras edições de *A rosa do povo* e *Claro enigma*, obras fundamentais de Drummond.

toda parte,/ e te desejo e te perco, estou completo,/ me destino, me faço tão sublime”. É importante notar a colocação na voz ativa, “me destino”, ato que estava em suas mãos, e não na passiva, “destinado”, conforme a concepção idealista de vocação, de obediente a um chamado superior e de fora, *Beruf*.

É no final do primeiro poema de *A rosa do povo*, “Consideração do poema”, onde o poeta, como diz seu título, reflete intelectualmente sobre a sua poética, porém na forma da poesia, que Drummond chega à uma síntese dessas duas dimensões que ele quer igualmente afirmar. Isto ele o faz num de seus versos mais engenhosos, sem porém os adornos e as acrobacias verbais do *ingegno* barroco, mas com inteira simplicidade, como para contrariar *a maneira* a qual recorre:

*tão firme, tão fiel... Tal uma lâmina,
o povo, meu poema, te atravessa.*

A primeira reação do leitor desses dois versos tão pouco poéticos é de estranheza, pela ambiguidade que provocam e nos faz pensar em coisa mal feita. Porque foram escritos desse modo tão contorcido e confuso e como entendê-los se tudo poderia ser dito de uma forma mais direta e clara? Capricho, gosto da obscuridade? Porém, apreciando-os bem, vemos que não têm nada de prosaico nem de maneirismo. A sua concepção segue a busca do propriamente poético, a procura da síntese e da condensação: dizer o máximo e o mais difícil com o mínimo e sem a perda da complexidade ou redução simplificadora do que é já em si ambíguo e contraditório. A confusão surge quando perguntamos o que estão querendo nos dizer: se é, como uma lâmina, que o povo atravessa a sua poesia, ou o oposto, se é esta que assim o fere e o traspasa? É só ao tentarmos

responder a essa questão que descobrimos que na verdade eles querem dizer as duas coisas: que tanto o povo atravessa a sua poesia agudamente, “como uma lâmina”, assim como o faz também a sua poesia ao povo. Nessa forma poética sintética e incômoda, pois não se dá a entender logo na primeira leitura e sem reflexão, é a própria poesia ou o fazer poético que lhe dá os meios de superar dialeticamente numa síntese essa contradição que experimenta na vida.

Os dois últimos poemas de *Claro enigma*, “A máquina do mundo” e “Relógio do Rosário”, formam outro par, dos mais densos, por isso também dos mais estudados. Muito resumida e esquematicamente, o primeiro poema fala de um encontro e uma recusa do poeta. Ele, num mundo provinciano particular, numa estrada pedregosa de Minas, e ao entardecer, a hora em que a ave de Minerva alça seu voo, mas também os corvos agourentos povoam o céu, “e aves pairassem/ no céu de chumbo, e suas formas pretas”, se depara com o universal, “a máquina do mundo”, como numa epifania. É ela que se abre a ele e lhe oferece o que sempre procurara, como Sísifo, “se em vão e para sempre repetimos/ os mesmos sem roteiro tristes périplos”, a verdade mítica da origem de tudo, que lhe daria “essa total explicação da vida”. O que ela lhe oferece é uma visão totalizante, que ia do petrificado mundo mineral, “no sono rancoroso dos minérios”, às mais altas elaborações humanas, “monumentos erguidos à verdade”: “...vê, contempla,/ abre teu peito para agasalhá-lo.”

A máquina do mundo, como a própria Natureza antropomorfizada e deificada, “alguém sobre a montanha”, se mostra a ele, “alguém, noturno e miserável”, e lhe oferece um conhecimento de todos os seus mistérios e mitos, como numa revelação. Porém, diante dela, o poeta sofre primeiro internamente uma mutação, “como se outro ser,

não mais aquele/ habitante de mim há tantos anos,/ passasse a comandar a minha vontade”. E ele recusa o que sempre procurara, “incurioso”, e desdenha o que lhe era ofertado, “que se abria gratuita a meu engenho”. No fundo, o poeta fala da sua escolha pela obscuridade e limitações do humano à oferta grandiosa do conhecimento revelado e da metafísica, “enquanto eu, avaliando o que perdera,/ seguia vagaroso, de mãos pensas.” Numa atitude resignada sugerida pelas “mãos pensas”, mas consciente agora, o poeta aceita lúcido as suas limitações do humano e segue o seu caminho na estrada pedregosa.

O segundo poema, schopenhaueriano, se passa num outro momento do dia, “Era tão claro o dia,” porém o que o encobre e carrega o poeta às paragens internas de si é o som de outro sino e a outro encontro: “mas a treva,/ do som baixando, em seu baixar me leva// pelo âmago de tudo e no mais fundo”. O poema “Relógio do Rosário” fala de outra máquina, não mais a macrocômica da Natureza, mas a micro da cultura, daquela feita pelo homem para sinalizar o tempo, o seu tempo. O relógio da igreja é sonoro, como o sino, outra máquina que anuncia junto com as horas os nascimentos e as mortes, e é ele o traço de ligação com o poema anterior, “um sino rouco”. Mas agora o som ao mesmo tempo que o remete ao âmago e fundo de si e de sua dor o leva a encontrar lá também “o choro pânico do mundo”.

É na dor que o indivíduo supera a sua solidão e se solidariza num entranhamento promíscuo, dele com o mundo dos homens, pois é aí também que se harmoniza musicalmente e em canto com o coletivo: “decifro o choro pânico do mundo,/ que se entrelaça no meu próprio choro,/ e compomos os dois um vasto coro.” Não obstante, essa dor de si é ao mesmo tempo também desejo, na medida em que embriaga e promete o

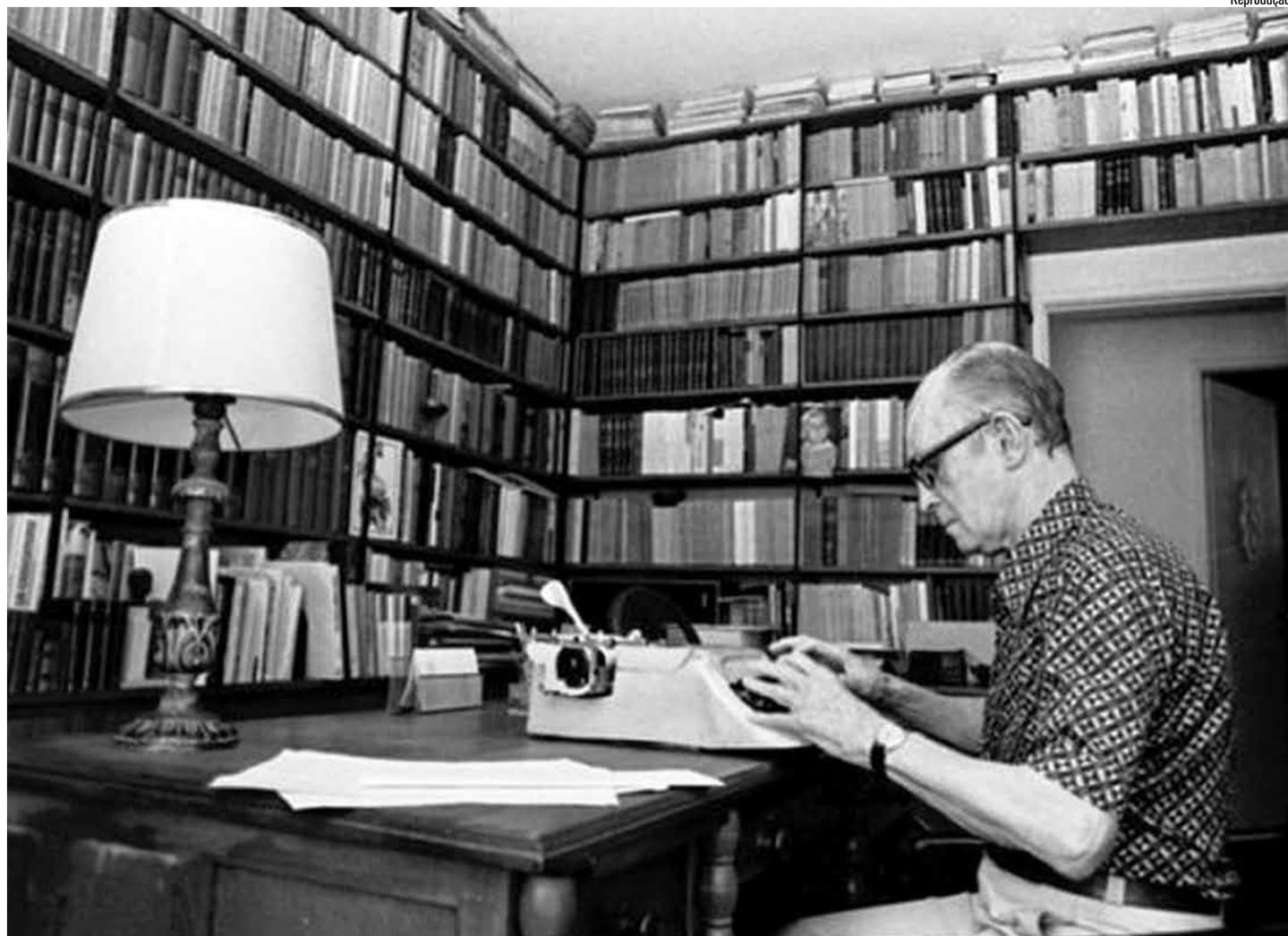
êxtase: “Oh dor individual, afrodisíaco/ selo gravado em plano dionisíaco”.

A dor do mundo e do humano é a matéria universal, representada desde o sistema ptolomaico mecânico das esferas nas quais se movem os planetas, de todos os espaços e tempos, passados e futuros: “dor do espaço e do caos e das esferas,/ do tempo que há de vir, das velhas eras!”. Ao contrário do que se prega, é ela, a dor, e não o amor a nossa matéria, “O amor não nos explica”, pois ele perde a sua essência sublime, como já pensavam os românticos, “ao contato furioso da existência”, e esta não passa de um exercício “de pesquisar de vida um vago indício”, e nela descobrimos que, “vivendo,/ estamos para doer, estamos doendo.” Porém, é na recordação da própria poesia que o poeta encontra ainda um sinal de vida, nas tênues lembranças de alguns fiapos do poema desiludido de Raimundo Correia, “As pombas”, que compara os sonhos da juventude, “No azul da adolescência as asas soltam/ Fogem”, como as pombas dos pombais. Só que, ao contrário dos sonhos, à tarde elas retornam aos pombais. São dos farrapos desse poema que nosso poeta vê emergir algum sinal “de vida vago indício”, ainda que o encontre no ossário do pó cinza das tumbas.

Talvez, se lembre também de Manuel Bandeira, para quem só se salvava a sua poesia como as cinzas da fogueira das horas. É o que parece nos dizer timidamente no último dístico do poema. Aí ele vê ainda uma cor de vida como algum sonho de esperança que retorna como as pombas:

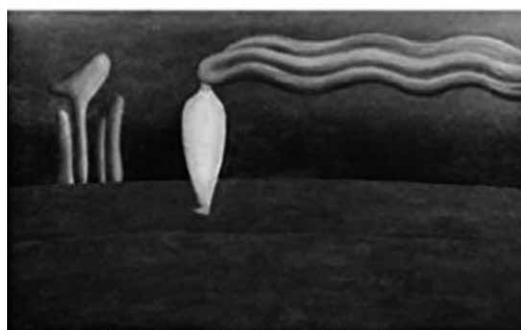
*Mas, na dourada praça do Rosário,
fô-se, no som, a sombra. O columbário
já cinza se concentra, pó de tumbas,
já se permite azul, risco de pombas.*

É dor, mas algum azul de sonhos como pombas, raquítico, há, retorna? ■



Drummond dedicou sua vida à poesia, que mergulha na complexidade e na contradição do ser humano.

Luiz Roncari é professor sênior da área de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Vive em São Paulo (SP).



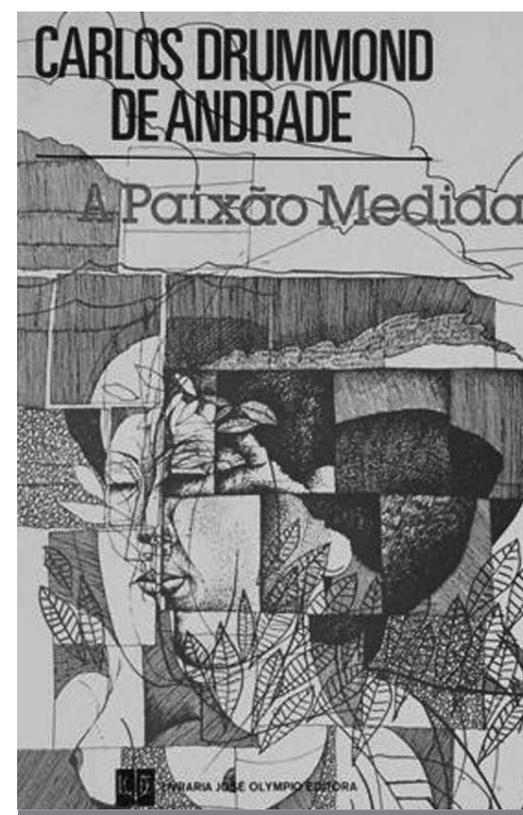
BREJO DAS ALMAS
CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE

COMPANHIA DAS LETRAS



O pipoqueiro da esquina

Ziraldo aproveitou frases de crônicas que Carlos Drummond de Andrade publicou no *Jornal do Brasil* para idealizar *O pipoqueiro da esquina*. Publicado pela Codreci em 1981, o livro é feito com sacadas do poeta ilustradas pelo desenhista. “Cada frase ficou valendo mil, cada frase uma casa-da-moeda de imagens energéticas”, comentou Drummond. Eis um exemplo de uma frase, ou pipoca, drummondiana: “Enfim: vai ser suspenso o desmatamento da Amazônia. Por falta de mata?”. Outra pipoca: “A moral do outro lado: a prova de que há um retrocesso na pornografia é que as capas de revistas especializadas só apresentam nádegas”. Ziraldo contou como o livro foi surgindo em sua mente: “Eu descobri que as pipocas do Drummond são charges em estado de dicionário. Enxutas, palavra pura, as pipocas contêm a crítica, a observação aguda, a análise, a contundência, a revelação, a criatividade e o humor que uma charge exata deve ter”. Vale, enfim, conferir o livro e apreciar a conversa entre pipoca e traço. É uma experiência ímpar.



A paixão medida

Esta obra aparece em 1980, ano em que o poeta comemorava meio século de vida editorial e dois anos antes de Drummond completar 80 anos (em 1982). No texto “A riqueza do vocábulo”, que acompanha uma reedição da obra, Miguel Sanches Neto afirma que “Depois de *A paixão medida*, Drummond entra definitivamente na fase dos poemas amorosos”. “O poeta conjuga a poesia no território voluptuoso do corpo, tirando dele o ímpeto criativo”, acrescenta Sanches Neto no texto em que analisa o livro em questão. O amor, de fato, é tema para poemas desta obra, para livros posteriores e já presente em obras anteriores. Mas em *A paixão medida* Drummond também se permite problematizar poeticamente a brevidade da existência a partir de sua já então vasta experiência e memória. Destaque para “Arte poética”: “Uma breve uma longa, uma longa uma breve/ uma longa duas breves/ duas longas/ duas breves entre duas longas/ e tudo mais é sentimento ou fingimento/ levado pelo pé, abridor de aventura,/ conforme a cor da vida no papel.”

Brejo das almas

Segundo livro de Drummond, *Brejo das almas* foi publicado em 1934, ano em que o poeta deixou Belo Horizonte para viver no Rio de Janeiro. Há quem considere a obra inexpressiva pelo fato de aparecer ensanduichada por dois grandes títulos, *Alguma poesia* (1930) e *Sentimento do mundo* (1940). No entanto, basta ler ou mesmo passar os olhos nos 26 poemas de *Brejo das almas* para se dar conta da qualidade da publicação. “O amor bate na aorta” (“Meu bem, não chores,/ hoje tem filme de Carlito!”), “Hino nacional” (“Precisamos descobrir o Brasil!/ Escondido atrás das florestas”), “As namoradas mineiras” (“Uma namorada em cada município”), “Em face dos últimos acontecimentos” (“Oh! sejamos pornográficos”), “Não se mate” (“Carlos, sossegue, o amor/ é isso que você está vendo:/ hoje beija, amanhã não beija”), “Segredo” (“A poesia é incomunicável./ Fique torno no seu canto./ Não ame”) e “Necrológio dos desiludidos do amor” (“Os desiludidos do amor/ estão desfechando tiros no peito”) são alguns dos clássicos drummondianos presentes, justamente, neste livraço que é *Brejo das almas*.



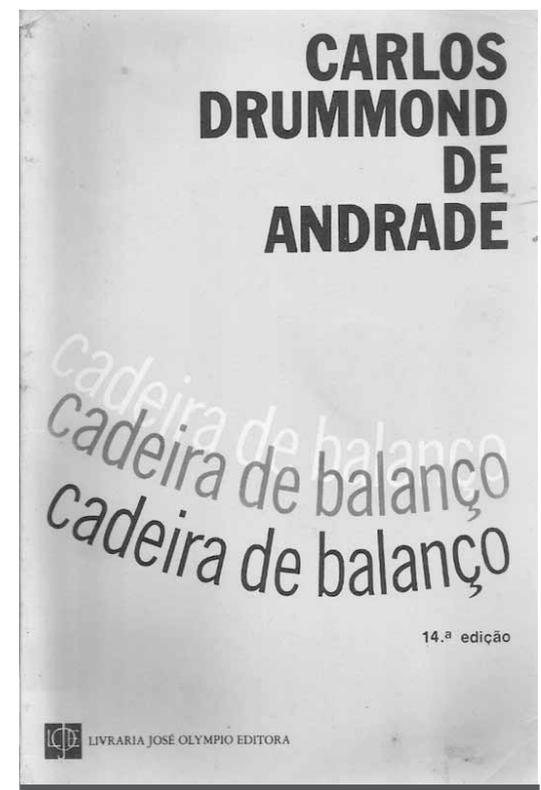
Corpo

“Meu corpo não é meu corpo./ é ilusão de outro ser./ Sabe a arte de esconder-me/ e é de tal modo sagaz/ que a mim de mim ele oculta.” Esta é a primeira estrofe do primeiro poema de *Corpo*, publicado em 1984, um dos mais relevantes livros da fase final de Carlos Drummond de Andrade. O desejo e a viagem pelas possibilidades corpóreas dão o tom de vários poemas desta obra, mas a permanente surpresa diante da existência também aparece magistralmente, por exemplo, em “História natural”: “Cobras cegas são notívagas./ O orangotango é profundamente solitário./ Macacos também preferem o isolamento./ Certas árvores só frutificam de 25 em 25 anos./ Andorinhas copulam no voo./ O mundo não é o que pensamos”. O livro ainda traz “Favelário nacional”, poema em que Drummond fala da miséria que, lenta, mas irreversivelmente, marcaria o visual e realidade das metrópoles brasileiras: “Vai desabar, vai desabar/ o teto de zinco marchetado de estrelas naturais/ e todos, ó ainda inocentes, ó marginais estabelecidos, morreréis/ pela ira de Deus, mal governada”.



Drummond: o *gauche* no tempo

Um estudo sobre a obra do poeta de Itabira que merece ser lido é *Drummond: o gauche no tempo*, de autoria de Affonso Romano de Sant'Anna. O ensaísta elegeu 11 livros de poemas de Drummond para estudar o tempo, “coordenada a partir da qual se podem reagenciar os tópicos principais de sua poesia, demonstrando o caráter sistêmico de sua construção poética.” O estudo de Sant'Anna é surpreendente, inclusive por apresentar dados tabelados e gráficos que auxiliam o leitor a compreender o que é apresentado nas páginas do livro. Entre os méritos da obra, destaca-se a definição que Sant'Anna apresenta para *gauche*, expressão presente na obra de Drummond, muito repetida, mas às vezes incompreendida: “*Gauche* é a palavra em que se cristalizou a essência da personalidade estética do poeta. Significa basicamente o indivíduo desajustado, marginalizado, à esquerda dos acontecimentos. Tal interpretação, com evidente sentido ético, encontra-se tanto no raciocínio mágico primitivo quanto na mente civilizada.”



Cadeira de balanço

Drummond foi cronista [leia mais na reportagem publicada na página 20] e esta obra reúne alguns dos mais intensos textos em prosa escritos pelo poeta. Lançado em 1966, *Cadeira de balanço* não é um título aleatório [nada em Drummond é fortuito]. O autor explica o que o nome da obra significa: “Cadeira de balanço é móvel da tradição brasileira que não fica mal em apartamento moderno. Favorece o repouso e estimula a contemplação serena da vida, sem abolir o prazer do movimento. Quem nela se instale poderá ler estas páginas mais a seu conforto”. O leitor, então, segue pelas páginas e tem acesso ao que foi o cotidiano carioca da segunda metade do século XX a partir da perícia única do artista de Itabira. Qualquer fragmento pode dar a dimensão da potência do cronista-poeta, como o texto “A contemplação do Arpoador”: “Pediram-me que definisse o Arpoador. É aquele lugar dentro da Guanabara e fora do mundo, aonde não vamos quase nunca, e onde desejaríamos (obscuramente) viver”. Precisa mais? O livro, evidentemente, oferece mais, muito mais.



CLIQUES EM CURITIBA | ARNALDO BELOTTO





Formado em cinema, **Arnaldo Belotto** se envolveu com a fotografia ainda na faculdade, onde descobriu que poderia utilizá-la para se encontrar esteticamente. Hoje, as fotos são parte importante de seu trabalho, marcado por projetos autorais sobre a fé e a cultura na América Latina. As imagens publicadas pelo **Cândido** fazem parte da série *Anamnese*, em que Belotto mostra uma Curitiba atemporal a partir de signos e personagens que não representam uma época específica.

PERFIL DO LEITOR | ARNALDO BRANCO



Filho de um crítico literário, o cartunista revela os livros e autores que influenciaram sua verve cômica

OMAR GODDY

Fome de humor

“Sou um descobridor tardio”, afirma Arnaldo Branco, com o tom auto-crítico característico de sua produção de quadrinhos. Questionado sobre seus autores brasileiros contemporâneos preferidos, ele não cita nomes, apesar de atuar bastante no meio editorial. “Quando finalmente consigo ler o livro de algum colega, o sujeito geralmente já está na fase de negá-lo. Ou então já envelheceu demais para ser considerado um autor contemporâneo”, diz o cartunista de 43 anos, figura recorrente nos grandes jornais e autor de livros de HQ como *Mundinho animal*, *O mau humor de Arnaldo Branco* e *As aventuras do Capitão Presença*.

Isso não significa que a literatura de ficção não faça parte de seu repertório. Pelo contrário. Filho do jornalista e crítico literário Aloísio Branco, Arnaldo cresceu vendo o pai cercado de livros. Além de possuir uma biblioteca imensa e escrever sobre o assunto, Aloísio também era amigo de autores, muitos deles célebres. “Às vezes eu atendia o telefone e do outro lado da linha estava alguém como o Drummond”, lembra.

Seu pai, no entanto, parecia acreditar mais no poder do exemplo do que em alguma forma direta de “cooptação”. “O engraçado é que ele nunca forçou essa agenda. Apenas ficava lendo o tempo todo, fazendo aquilo parecer a coisa mais interessante do mundo”,

conta o cartunista, iniciado (como muitos brasileiros hoje na faixa dos 40 anos) por meio da coleção *Para gostar de ler*, da editora Ática. Popularíssima entre as décadas de 1970 e 80, a série trazia as melhores crônicas de mestres do gênero como Fernando Sabino, Rubem Braga, Luis Fernando Verissimo, Paulo Mendes Campos.

Mas o primeiro impacto literário veio com *O apelo da selva*, do norte-americano Jack London (também autor de *O lobo do mar*, *Caninos brancos*, *O chamado selvagem*). “Peguei na biblioteca do meu pai, por causa do capa. O livro me emocionou tanto quanto pode emocionar um garoto que ama cachorros e encontra uma ótima aventura protagonizada por um deles. E que ainda por cima lidera uma matilha de lobos! O cão Buck foi o primeiro *badass* [“fodão”] da minha vida literária”, diz.

Passada a infância, Branco começou a procurar livros que não necessariamente eram indicados pelos professores. “Com certeza eu era o único da minha turma que fazia isso. Acho que ninguém lia na minha escola, era uma linha de montagem de engenheiros. Todo mundo está bem de vida, menos eu”, diverte-se. Segundo ele, foi um momento de descobrir autores que o ensinaram a importância de se ter um estilo. Uma lista que vai de Graciliano Ramos a John Steinbeck, passando por

Nelson Rodrigues, Guimarães Rosa, Mark Twain, alguns *beats*.

Mas o artista realmente encontrou sua turma entre os escritores com inclinações humorísticas — figuras como Knut Hamsun, S.J. Perelman, David Lodge, Robert Benchely, P.G. Wodehouse, Graham Greene, Alberto Moravia. “Um dos livros que mais me fez rir na vida foi *Fome*, do Hamsun [sobre um jovem escritor miserável que vaga pelas ruas observando e narrando o cotidiano]. Foi mal aí, senhor Knut, se você queria denunciar com seriedade o descaso com que são tratados os aspirantes a artistas”, brinca.

Como não poderia deixar de ser, os livros de quadrinhos completam a sua formação. Angeli, Robert Crumb, Lourenço Mutarelli, Adão Iturrugarai, Laerte e Georges Wolinski são suas principais referências na área — que, segundo ele, não avançou no Brasil em termos editoriais. “O mercado é inexistente, somos fantasmas em uma casa deserta. A gente fica só socializando para a cara transparente do outro. Somos praticamente um círculo do livro, lemos os livros dos nossos colegas e eles leem os nossos”, lamenta Branco, que também assina os roteiros de *graphic novels* baseadas nos clássicos *Vidas secas* (Graciliano Ramos) e *Vestido de noiva* (Nelson Rodrigues).

“Com certeza eu era o único da minha turma que fazia isso [procurar livros que não eram indicados pela escola]. Acho que ninguém lia na minha escola, era uma linha de montagem de engenheiros. Todo mundo está bem de vida, menos eu.”

Essa faceta de roteirista é justamente seu foco no momento, porém na televisão. Depois de experiências na MTV (com a série *Overdose*), na Rede Globo (colaborou com o *Domingão do Faustão* e *Casseta & Planeta Urgente*) e no projeto independente *Terminadores* (exibido pela Bandeirantes e o canal pago TNT em 2016), o cartunista se dedica a uma série de empreitadas ainda não produzidas. “São projetos tão frágeis que podem se desfazer no ar se eu mencionar os nomes. Roteiros são tartaruguinhas correndo para o mar em um deserto. Vários vão morrer antes de encontrar um oásis”, explica. ■

INSULARIDADE

*Somos todos estrangeiros
nesta cidade
neste corpo que acorda.*

Heitor Ferraz

Passageiro num fim de dia extenuante, o Grande Circular deixava a W-3 Sul e contornava a pista de retorno em frente ao Corpo de Bombeiros para penetrar no amplo sistema viário que leva ao Setor de Embaixadas, ao Aeroporto, à Via L-2, ao Núcleo Bandeirante e à Saída Sul, quando minha atenção migrou das páginas que eu lia, para flagrar o sujeito ao meu lado a tentar o diálogo, mas meus olhos detidos numa leitura intensa e sedutora de *A morte Feliz*, de Camus, ainda não haviam permitido desviar o olhar para aquela criatura que me fitava, com a intermitência de miradas esquivas, desde que tomei o coletivo no ponto perto do Brasília Rádio Center. Concentrado estava, concentrado fiquei, em Patrice Mersault, em Roland Zagreus, num ponto qualquer da Argélia, onde o livro me transportava numa velocidade superior à do coletivo, aos mundos absurdos da existência humana. Nesses longos minutos de assédio ocular, diante da minha imobilidade alheia aos sentimentos e atitudes próximos, a impaciência da alma ao meu lado ia agredindo minha leitura, uma leitura sobre questões intrigantes da natureza humana. Mas o que poderia ser mais intrigante que a sua insistência em ser notado, ouvido, além do mar de nadas e obviedades que nos cercavam?

Examinei, de soslaio, aquele homem bem trajado — quem era? de onde

veio? por que andava de ônibus? para onde ia? teria me reconhecido? não, eu não o conhecia, nunca conheci ninguém, não me importo — tentava estabelecer um contato, ainda que mínimo, para quebrar a onda de silêncio e solidão que procelavam dentro dele, em meio àquela profusão de corpos num coletivo, para fugir à transitoriedade dos relacionamentos de um ônibus de rua. Nem isso, nem essa certeza de que a sua presença reclamava a minha ou de qualquer outro, foi capaz de furta-me em minha faina de leitura obcecada, Camus me dizendo coisas, *Era uma nostalgia de cidades cheias de sol e de mulheres, com tardes verdes que cicatrizam as feridas. As lágrimas irromperam. Crescia nele um grande lago de solidão e silêncio, sobre o qual o canto triste de sua libertação...* e eu, quando muito, retirava os olhos da página e olhava lá fora, e via lá fora a rua, a rua não é comigo, lugar de seres taciturnos, embotados, sem graça, e eu? indiferente aos apelos incógnitos do passageiro desconhecido, negligente com o resto do mundo, para o que se passava em meu derredor, numa imutável e automática atitude que se repetia cada vez que eu viajava naquela linha em direção à minha casa, depois do cansaço habitual da vidinha besta de bancário. E como sempre alguém ao meu lado, um homem, uma mulher, uma criança, um velho. Alguéns. Nem o vozerio, nem o barulho da catraca, nem os sinais de parada, as

freadas bruscas, o mau humor do motorista, a cara feia do cobrador, os painéis lá fora, as casas, as pessoas paradas nos pontos, na avenida anônima: artéria endoidecida, com seu fluxo enfurecido e divergente de feras metálicas, nada me retirava de meu mundo de mergulhos profundos nas páginas de um livro. Nesse dia era *A morte Feliz*, mas podia ser que eu estivesse noutras viagens: Lorca, Pessoa, Bandeira, Dostoiévski, Borges, Camões, Cortázar, Rosa; ou entre o niilismo nietzschiano e os sermões do Padre Vieira — e eu reagiria da mesma forma, nem um olhar, nem um sinal de interesse, fosse o grito ou fosse o silêncio, fosse o ônibus vazio ou o acidente na pista.

Nesse dia a presença daquele senhor me incomodava e isso se tornou perceptível aos seus olhos, o que não evitou uma abordagem em tom cavalheiresco, que de início não me entusiasmou. O homem de terno, gravata e celular pendurado no cinto, que vez por outra tocava e ele, laconicamente, atendia e, num monólogo ininteligível, dispensava quem chamava do outro lado da linha, tinha visível necessidade de ser ouvido, esse homem pedia socorro sem gritar. Ninguém o sentia, muito menos eu. O telefone tocava — isso se repetiu umas quatro vezes no trajeto — e sua recusa em atender aos chamados estava mais ligada à necessidade de falar com alguém que estivesse perto e suscetível de compartilhamentos.

Tirei os olhos rapidamente do livro. Fechei-o e ele leu, com interesse incomum, pronunciando em voz alta, num gesto de louvação pela leitura especial e querendo entabular um diálogo que parecia não ter, pelo menos para mim, chance de continuidade.

Eu não queria conversar com ninguém. Desde a manhã, quando a cena da copeira pulando do vigésimo oitavo andar das torres gêmeas do edifício do Congresso inquinou o meu dia com sua carga de espanto e horror, eu não conseguia ver nem ouvir ninguém. Nunca vira a morte tão de perto. Nunca a pequenez humana me fora revelada com tamanha indigência psicológica e espiritual. Eu estava entre os próprios escombros da humanidade inteira. A morte ali, com todos os seus tentáculos. O seu rosto cruel e inamovível. Essa mesma que eu tentava compreender num livro, distante do indesejável fim que a todos sucede: muitos, iguais em sua derradeira hora, seguindo a ordem natural das coisas; outros, realizando a ruptura brutal e sistemática, porque não resta outra coisa a não ser pôr fim à existência. A morte, impassível, incontornável, a morte mesmo, física, imoral, intransponível, esta nunca tinha soado com tamanha inclemência quanto a que vi ainda cedo, quando me preparava para mais um dia de trabalho, diante de um corpo recolhido do espelho d'água da Praça dos Três Poderes e

estirado ao chão, coberto por um lençol parco na burocrática espera da perícia policial. Meus olhos não tiveram tempo de dizer um *oh!* de comiseração, de estarecimento diante da brutalidade insinuada contra si mesma e levada às últimas consequências. E, no fim do dia, o sujeito ao meu lado, querendo arrancar-me, a qualquer custo, do meu arrebato, da minha estupefação, da minha leitura, porque aos seus olhos a minha completa insubordinação ao que me circundava, imagino que isso estava no seu íntimo, a minha indiferença era assassina, como era a de tantos quantos levaram à morte aquela mulher de quarenta anos, separada, mãe de três filhos, que morava numa biboca qualquer e trabalhava feito burro de carga para sustentar os quantos ela pôs no mundo.

Eu soube que dona Jandira pulara, numa atitude escapista, quando sua vida já não tinha mais jeito. Não tinha para ela, que não via luz no fim do túnel, quando seus caminhos haviam sido despedaçados pelo marido alcoólatra e omisso; sua vida havia sido rejeitada pelos próprios sonhos inconclusos — malsucedida no emprego e no amor, atolada em dívidas com agiotas que oferecem o dinheiro fácil às classes menos aquinhoadas do funcionalismo, sobretudo aos incautos empregados de prestadoras de serviço que atendem nos Ministérios e outros órgãos públicos, morando longe, numa dessas invasões subumanas que

sitiam o Distrito Federal — um vergonhoso cinturão de miséria — toda a sua vida girava em torno de uma rotina desgastante, cansativa e sem retorno financeiro, sem a mínima contraprestação do bem-estar material e do prazer íntimo. A derrota, sim, em carne e osso. Estava ali, finda, não esperou a morte chegar, foi ao seu encontro pela via da coragem insensata. E dentro do ônibus, com aquele homem tentando chamar minha atenção, eu tinha meu coração, meus olhos, meus pensamentos voltados pr'aquela criatura que já é morta há quase doze horas e não entrará para a história por nenhum ato de heroísmo, ninguém se lembrará de Jandira, senão alguns da família traídos em sua autoestima pelo ato da mãe que não buscou sair do labirinto. Sim, quem sabe, eu me lembrarei também dela quando ler Camus, ele que tanto quis entender e fazer entender a angústia humana, dos gritos submersos que não conseguimos exteriorizar, da oscilação de nossas revoltas, do percurso angustiado de tantos corações revoltados, do homem sempre em núpcias de fogo com sua identidade estiolada pelos venenos da realidade. Vou me lembrar de Jandira, quando outro sujeito sentar-se ao meu lado emcompridando conversa, no ônibus, no banco vazio da minha superquadra, na espera da sessão de cinema, na fila do orelhão — onde sempre haverá gente numa intensa procura, de olhares, de

conversa recíproca, de diálogo para enfrentar a tragédia que culmina todos os dias à nossa porta, porque nada escapa ao fluxo das esperanças humanas e não podemos ser nuvens fugidias que carregam para aqui e para acolá sua opacidade, seu isolamento, sua fúria, sua liturgia de privações.

O suicídio de Jandira estará amanhã nas páginas do *Correio Brasileiro*, no necrológio que ultimamente tem se saciado com o sem-sentido e a banalidade da vida e da morte, com todos os seus requintes de perversidade, que a crônica policial da sociedade moderna registra sem constrangimentos ou pudor. Camus a me dizer, como a espada da verdade desferindo seu golpe, que o único problema realmente sério é o suicídio, e Jandira que já foi velada no Campo da Esperança e jaz em cova rasa, me revelando os escombros insuspeitos da nossa condição.

Muito prazer!, disse-me o cavaleiro decepcionado com meu jeito de poucos amigos e meus olhos escondidos no livro, pedindo-me licença para sair, para saltar na próxima parada, sim, foi o que disse aquele que atendia pelo nome de Antonin Artaud. Eu não podia supor: havia perdido a oportunidade de romper com nossa solidão urbana, essa solidão tantas vezes maquinada ou dissimulada pelos convívios impossíveis, que nos torna estranhos e mutilados, pela condição errante de nossos

corpos que não sabem decodificar a aflição e o desespero, tragados que somos pela inevitabilidade da roldana diária, com seus dentes vorazes a nos convocar para a imensidão oceânica das necessidades modernas. Só tive tempo também de dizer o socialmente óbvio e seco *prazer em conhecê-lo, meu nome é Bertolt*, e vê-lo atravessar a via ainda movimentada naquele início de noite, noite encrespada, sendo engolido por aquela jiboia de faróis, ele, ele nem soube se eu era de Alagoas ou de Minas Gerais, nem dele soube nada mais que um nome e uma angústia latente em seu íntimo, e era fim de expediente, e vislumbro aquele solitário homem de terno e gravata que atendia pela graça de Antonin Artaud ser devorado pelo ventre da noite, desaparecendo no breu da quadra mal iluminada, em busca de sua essência perdida no tumulto doméstico, a ilha invisível de todos nós, escuro território onde acabamos por nos desferir o golpe de misericórdia e montamos, sem apelos, o mosaico de nossas próprias vidas. ■

 **Ronaldo Cagiano** nasceu em Cataguases (MG). É autor de, entre outros livros, *Eles não moram mais aqui*, terceiro colocado no Prêmio Jabuti 2016 (categoria "Contos e Crônicas"). O escritor vive em Estoril (Portugal).

Reforma e programação especial marcam os 160 anos da Biblioteca

Primeira parte da reformulação do prédio histórico foi concluída e uma nova etapa está prevista para o segundo semestre

DA REDAÇÃO

A Biblioteca Pública do Paraná (BPP) completou 160 anos no último dia 7 de março com uma programação especial. As atividades tiveram início com a abertura da exposição *Retrato de um Artista*, que reúne ilustrações publicadas no *Cândido*. À tarde, o grupo Hélio Brandão Trio tocou clássicos do jazz e da MPB no hall térreo. O jornalista e biógrafo Ruy Castro fechou a programação fazendo a abertura da temporada 2017 do projeto *Um Escritor na Biblioteca* (leia entrevista na página 4).

No dia 16 de março, foi entregue oficialmente a primeira etapa da reforma do prédio histórico da Biblioteca, iniciada em novembro de 2016 e com custo de R\$ 2,1 milhões. Concebido pelo arquiteto Manoel Coelho e viabilizado com recursos da Renault, o projeto incluiu a reformulação total do auditório, banheiros, guarda-volumes, hall do segundo andar (que ganhou novo mobiliário) e a seção de empréstimos (remanejada para dar lugar a um café), entre outros espaços.

A solenidade contou com a presença do governador Beto Richa, do

Secretário de Estado da Cultura, João Luiz Fiani, do diretor da Biblioteca Pública, Rogério Pereira, e do vice-presidente da Renault, Allan Tissier.

Na ocasião, o governador anunciou a liberação de novos recursos para a continuação da reforma.

Modernização

Criada em 1857, a Biblioteca Pública trocou de sede 12 vezes até ser transferida para o prédio de número 133 da Rua Cândido Lopes, no centro de Curitiba — onde está instalada desde 1954. A partir de 2011, a instituição iniciou um intenso processo de reformulação, com os objetivos de melhorar as instalações, aperfeiçoar o atendimento e ampliar os serviços oferecidos. As mudanças transformaram a BPP em um verdadeiro espaço de artes e convivência, por onde passam, diariamente, cerca de 2,5 mil pessoas.

“Com as obras de modernização, teremos uma biblioteca ainda mais preparada para receber a população paranaense e continuar seu trabalho de excelência no atendimento ao público”, afirma o secretário de Estado da Cultura, João Luiz Fiani. ■



Fotos Kraw Penas

Os leitores ganharam um novo espaço no segundo andar: ambiente de leitura e trabalho.



O governador Beto Richa entregou no dia 16 de março a primeira etapa da reforma do prédio da Biblioteca.



O hall térreo ganhou novo mobiliário e nova iluminação.



Retrato de um Artista

Com obras de 20 ilustradores brasileiros, o livro e a mostra *Retrato de um Artista* resgatam trabalhos produzidos originalmente para a seção homônima do **Cândido**. São 30 desenhos de escritores consagrados da literatura nacional e mundial (de Miguel de Cervantes a Ernest Hemingway, passando por Mário de Andrade, Hilda Hilst, Dalton Trevisan), assinados por nomes como Allan Sieber, Bennet, André Ducci e Pedro Franz, entre outros. O evento também marca o lançamento de um livro com as ilustrações, editado pelo selo Biblioteca Paraná, da Secretaria de Estado da Cultura.



ESTIRENO BLUES

Na zona industrial
existe uma fábrica de cânceres
da outra margem do Rio
Cubatão
esticou seu chicote gasoso
nas costas dos velhos pretos
que fumavam
o tempo através de seus rádios
de pilha
decerto
receosos
da origem de outras dores
não sonhavam
com a morte irradiada
silenciosa
como uma serpente
dentro do ar
vomitada pela indústria
ali do outro lado
do rio
que também
lutava
contra a metástase maior
chamada
desenvolvimentismo
vírus econômico
que descarta o humano

 **Marcelo Ariel** nasceu em 1968, em Santos (SP). É poeta, performer e dramaturgo. Autor dos livros *Tratado dos anjos afogados* (2008), *Diário ontológico I e II* (2013), *Retornaremos das cinzas para sonhar com o silêncio* (2014, semifinalista do Prêmio Oceanos) e *O rei das vozes enterradas* (2015). Vive em Cubatão (SP).